



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**RICÉLIA FERNANDES DE SOUSA ALMEIDA**

**RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO:  
ASPECTO RELEVANTE PARA O PROCESSO  
DE ENSINO-APRENDIZAGEM ESCOLAR**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2012**

**RICÉLIA FERNANDES DE SOUSA ALMEIDA**

**RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO:  
ASPECTO RELEVANTE PARA O PROCESSO  
DE ENSINO-APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Risomar Alves dos Santos

**CAJAZEIRAS - PB**

**2012**

**RICÉLIA FERNANDES DE SOUSA ALMEIDA**

**RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO:  
ASPECTO RELEVANTE PARA O PROCESSO  
DE ENSINO-APRENDIZAGEM ESCOLAR**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Risomar Alves dos Santos  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Ane Cristine Hermínio Cunha  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Stella Márcia de Moraes Santiago  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Edileuza dos Santos Paulino  
Examinador (a) Suplente

**Aprovada em 24/10/2012**

A todos os pedagogos e pedagogas, educadores e educadoras que formam o quadro de profissionais da educação brasileira, que exercem a tarefa de educar por acreditar que podem contribuir significativamente na formação de pessoas, visando o desenvolvimento intelectual, moral, social e humano das crianças e jovens de hoje, futuros homens e mulheres, seres pensantes, críticos, reflexivos, capazes de conquistar e assumir diferentes papéis na sociedade. Enfim, a mim, futura pedagoga e educadora, que no relutante debate e discussão dos mais variados elementos que dizem respeito à educação, jamais pensei em desistir ou sequer fugir do caminho que havia trilhado para construir a minha história.

**COM AMOR, DEDICO.**

## AGRADECIMENTOS

À Deus, o mestre dos mestres, que permitiu a realização dessa magnitude missão e o alcance de uma grande vitória.

Ao meu esposo, que me incentivou a dar o primeiro passo para alcançar esse objetivo, e que durante todo percurso realizado continuou sendo apoiador e orientador, amigo e companheiro em todos os momentos.

À minha mãe Rosemare e minha Vó Guiomar, duas grandes fortalezas, que sempre estiveram do meu lado apoiando-me, acolhendo-me e oportunizando-me meios para que eu sempre continuasse em frente.

Aos meus irmãos Lucas e Fablo, que de muitas maneiras me estenderam as mãos nos momentos que precisei.

Às minhas amigas especiais, Dayse Anne, Fernanda Hiarlla e Maria Sarmiento, que nas horas difíceis se dispuseram a ouvir-me e ajudar-me, suportando as lamentações, as angústias, os medos, as lágrimas, mas que também desfrutaram comigo muitos momentos bons dessa caminhada coletiva.

Às minhas demais amigas e aos meus amigos de curso, que caminharam juntos comigo, enfrentando as dificuldades e regozijando os momentos de alegria e vitórias durante a fase inicial da nossa trajetória acadêmica.

À minha orientadora, Dr.<sup>a</sup> Risomar Alves dos Santos, que se dispôs a oportunizar luzes na escrita desse trabalho.

À professora Dr.<sup>a</sup> Piedade Lino Videira pela sua paciência, firmeza e serenidade ao dar suas contribuições no decorrer da construção desse trabalho.

À professora Esp. Maria Ioneida Ramalho Bueno pelo apoio nos momentos difíceis e de angústias, confortando-nos com suas palavras sábias, fazendo-nos reconhecer e crer que éramos capazes.

Aos/as docentes doutores (as), mestres, especialistas que dividiram conosco o conhecimento, alguns brevemente, outros por um período mais longo, que indubitavelmente contribuíram significativamente para que pudéssemos alcançar e vivenciar cada etapa desse curso.

Às escolas que abriram suas portas para que pudéssemos vivenciar os primeiros momentos de docência, durante o estágio.

## RESUMO

A relação professor-aluno é entendida como aspecto integrador e necessário para o desenvolvimento educacional dos (as) educandos (as) e, por isso, suscita estudos para sua compreensão. Nesta perspectiva, o presente estudo objetivou analisar a importância da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem, numa turma do 4º ano do Ensino Fundamental I de uma Escola Municipal, localizada na cidade de Sousa/PB. A fundamentação teórica que norteou o referido trabalho apoiou-se em vários autores que discutem os elementos que estão intrínsecos nessa interação entre professor e aluno, tais como: Antunes (2010), Brasil (s.d), Freire (2005), Martins (2010), Müller (2002), Padua (2010), Rossini (2010), Simka [et. al.] (2010), Vasconcelos (2012), Werneck (2004), entre outros. Nos procedimentos metodológicos adotados incluíram-se: a observação participante, o questionário e o formulário. A análise dos dados coletados foi dividida em dois capítulos: o primeiro referiu-se ao ponto de vista da professora em relação ao tema, e o segundo a visão dos alunos (as) com relação à professora, à sala de aula, aos colegas e à escola. Os resultados, por sua vez, revelaram que os participantes atribuem importância significativa à relação professor-aluno, ressaltando que nessa interação é imprescindível a proximidade, o respeito, a confiança, a cumplicidade e o significado dos sentimentos e emoções que se expressam quando estão vivenciando os diversos momentos dentro da sala de aula e da escola. Conclui-se com essa pesquisa quão necessária se faz ressaltar que, mesmo diante das transformações da sociedade atual, a educação exerce grande influência e pode contribuir significativamente para a humanidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relação Professor-Aluno. Ensino-Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

The relationship between teacher and students is understood as an integrator and necessary aspect to the educational development of learners. It also motivates studies to its understanding. This study aims to analyse the relevance of teacher/ students' relationship on the teaching learning process in a group of students from the 4th grade of elementary school at Sousa/PB. This work has as theoretical support the discussion made by some experts such as: Antunes (2010), Brazil (s.d), Freire (2005), Martins (2010), Müller (2002), Padua (2010), Rossini (2010), Simka [et. Al] (2010), Vasconcelos (2012), Werneck (2004). The procedures used was the observation questionnaire and forms. The results collected on this study is divided into two chapters: the first one deals with the teacher's point of view regarding to the theme; the second deals with the student's perception concerning to the teacher, the classroom and school as a whole. The results have revealed that the subjects highlight the relationship between teacher and students. This research, therefore, stresses that education has a great influence and its also can significantly contribute to humanity.

**Key words:** Relationship Teacher-Student. Learning-Teaching.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A TEORIA: DESPERTANDO REFLEXÕES.....	14
2 EDUCADOR: O MEDIADOR DA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....	21
3 PROFESSOR E ALUNO: AUTORES DE UMA HISTÓRIA COMPARTILHADA.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICES.....	49
APÊNDICE A.....	50
APÊNDICE B.....	53
ANEXOS.....	56

## INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vive uma época marcada por diversos desafios, resultantes de um entrelaçar de constantes transformações políticas, econômicas, sociais, científicas e tecnológicas, que trouxe benefícios à população, proporcionando-lhe oportunidades de romper fronteiras.

Mediante esse quadro de mudanças, não se pode desconsiderar que junto às melhorias também ocorreram e ocorrem perdas e problemas de diversas ordens para os quais, muitas vezes, as soluções se mostraram e se mostram insuficientes. Nesse meio encontra-se a educação.

Para tanto, falar em educação parece tarefa fácil, pois sempre se vê alguém dizendo o que deve ser feito, como fazer, o que ensinar, como ensinar. Só que geralmente quem se porta a fazer esses comentários encontra-se distante ou fora da realidade de quem ensina, de quem aprende, da escola, e isso remete a pensar que fazer educação é tarefa simples.

Desse modo, quando falamos em educação, surge à lembrança da escola, do professor, do aluno e de inúmeras outras características pertencentes a esse meio social. Mas o que na verdade é mais atrativo são os professores e alunos, pois são os dois membros da instituição escola que ocupam o centro do movimento na educação. Trata-se de personagens protagonistas da história educacional, como seres ensinantes e aprendentes. Diante disso ressaltamos a importância que tem a relação entre esses dois seres.

Com base na nossa trajetória escolar e a das crianças que compartilharam daquela experiência, pode-se perguntar: O que aconteceu? O que realmente aprendemos, quando vivenciado esse período? Vale recordar que tivemos de nos comportar de maneira passiva, imóveis, permanecendo sentados e impedidos de nos manifestar. Propor e relatar nossas opiniões era impossível. Éramos unicamente ouvintes e responsáveis por anotar, memorizar, entender e repetir tudo igualzinho na prova. Com isso, não era permitido nem ao menos associarmos o que aprendíamos fora da escola com o que nos ensinavam no seu interior e, assim, mesmo sem gostar nos habituamos ao paradigma de que o professor sabia e ensinava, ou seja, era o dono da verdade e o aluno só escutava o que era transmitido, o que foi definido por Paulo Freire (2005) como “educação bancária<sup>1</sup>”.

---

<sup>1</sup> Educação bancária - educação em que o professor é sujeito da história, detentor do conhecimento e do saber, e o aluno é apenas um “depósito” que a ele compete somente receber e memorizar as informações, os conhecimentos sistematizados, prontos e acabados que o professor deposita nele. (FREIRE, 2005).

A partir desse panorama, surgem os questionamentos: a relação professor-aluno favorece o processo de ensino-aprendizagem? O professor é visto dentro da sala de aula como aquele que manda e tem autoridade sobre os alunos? Será essa autoridade um dos fatores que impede os alunos de aprenderem, mas somente ouvirem e memorizarem? E o afeto? A aproximação? O professor reconhece o aluno enquanto ser humano e acredita nas suas possibilidades, no seu potencial?

É fato que com o passar dos tempos, muitas transformações vão ocorrendo, e junto com elas crescem as exigências, e quanto mais mudanças acontecem, maiores cobranças recaem sobre o ser humano. Haja vista que, a escola, uma das maiores instituições da sociedade é grande responsável por preparar, ou melhor, formar o tipo de homem que a sociedade exige. Um homem que seja cumpridor de seus deveres, mas que também saiba lutar em busca de seus direitos, e que conquiste seu espaço nessa sociedade.

A educação é, por sua vez, a grande ferramenta para fazer jus a essa formação, e o educador ou educadora é o (a) personagem principal desse processo, a partir do qual deve considerar cada educando como um ser de subjetividades, com necessidades particulares, e acima de tudo, como um ser de relações, que tem sempre algo para compartilhar. A partir do momento em que se estabelece uma boa relação entre ambos, essa poderá contribuir no processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo o aluno como centro desse processo.

Assim, cabe ao professor aproximar-se mais dos alunos, conversar mais com eles, tentar entendê-los, para enfim fazer uma educação mais humanizada e afetiva. O ato de ensinar não implica transferir conhecimentos, mas sim, transformar informações em conhecimentos, considerando a realidade de cada sujeito, pois conforme Palomares (2010, p. 13-14) “[...] relacionar-se com o aluno de centelha humana para centelha humana é o melhor que se pode fazer em termos de relação entre professor e aluno [...]”. Logo se entende que o papel do educador é mediar esse processo de transformação, apontando caminhos, abrindo janelas e horizontes, e acima de tudo despertando o desejo de aprender, o ato de refletir e a própria criatividade do aluno, respeitando e compreendendo o seu tempo, mas apresentando limites que o ajudem a libertar-se das amarras das culturas e verdades dogmatizadas e enfim crescer intelectual e moralmente (FONTOURA, 2010).

Sabemos ainda que o ser professor não é tarefa fácil, pois exige-se muito, tanto de quem ensina como de quem aprende, e essencialmente para exercer o papel de educador é necessário gostar do que faz, ter a plena consciência que ninguém nasce sabendo e que não torna-se um profissional unicamente na universidade, mas sim na vivência do dia-a-dia, experienciando o exercício da profissão e acima de tudo acreditando no que faz e fazendo

bem. Isso envolve não apenas ação, mas também reflexão, comprometimento, respeito às diferenças e sentimentos. Neste instante, cabe ressaltar o que fala Mafra (2010, p. 108) “não existe educação eficaz que não se pautem na dimensão relacional e afetiva”. Por outro lado, ressalta Fontoura (2010, p. 77) “[...] entre as tarefas da Educação, destacamos que deve despertar em nós, educadores, o desafio de encantar para educar e transformar”.

Isso sem dúvida é uma construção, são laços que vão sendo criados aos poucos e que envolvem conquistas, permissão, doação, compreensão, compartilhamento, respeito e vontade de seguir juntos, que implica estabelecer uma relação professor-aluno que oportunize o amadurecimento e o progresso do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, Mafra (2010, p. 109) afirma:

[...] imprescindível é desenvolver nas pessoas as capacidades essencialmente humanas, como a criatividade, afetividade, a ética e os valores morais. Daí a necessidade de unir as dimensões epistêmicas, identitária e social, em uma educação de proposta afetiva.

Diante do exposto, pretendemos mostrar com essa pesquisa que se existe uma relação dinâmica entre professor e aluno, o processo de ensino-aprendizagem pode progredir e trazer bons resultados. Parece que não havendo uma relação assim, esse processo permanecerá da mesma forma estática, tradicional, conhecida por todos – o professor manda e ensina e o aluno obedece, escuta e se consegue, aprende. Mais uma vez reportamo-nos ao que define Freire (2005) como “educação bancária”. Com base nessas colocações, surgem as seguintes questões: Que influências a relação professor-aluno produz no desempenho da aprendizagem dos educandos? Qual a função dessa relação para o progresso do processo ensino-aprendizagem?

Refletindo como a dimensão afetiva pode interferir na relação professor-aluno e, conseqüentemente, no processo de ensino-aprendizagem buscamos referências em alguns intelectuais como: Antunes (2010), Brasil (s.d), Freire (2005), Martins (2010), Müller (2002), Padua (2010), Rossini (2010), Simka [et. al.] (2010), Vasconcelos (2012), Werneck (2004), dentre outros, que discutem acerca da temática para, então, perceber o efeito ou não dos laços afetivos que estão imbricados nessa relação.

Por essa linha, este trabalho teve por finalidade analisar a importância da relação professor-aluno para o processo ensino-aprendizagem, além de observar como a interação professor/aluno pode contribuir no processo de aprendizagem dos/das educandos/das na sala de aula; identificar manifestações afetivas (sentimentos e emoções) na postura do professor

que interferem na aprendizagem dos (as) educando (as); bem como compreender a importância das manifestações afetivas na relação professor/aluno para a formação intelectual, moral e social do (a) educando (a).

Para realizar o referido estudo foi feito o uso das pesquisas exploratória e explicativa, pois estas permitiram o desenvolvimento e esclarecimento das ideias surgidas, objetivando oferecer uma visão panorâmica e uma proximidade ao assunto, bem como reconhecer os fatores que possivelmente contribuem para o sucesso da “Relação professor-aluno”, que vem sendo explorado há algum tempo, mas que ainda instiga curiosidades (GONSALVES, 2001).

Para tanto, foram escolhidos como sujeitos de pesquisa, a professora e alunos (as) do 4º ano de uma escola de Ensino Fundamental situada no município de Sousa/PB. Os alunos participantes da pesquisa somam um total de doze (12) crianças, distribuídas entre sete (7) meninos e cinco (5) meninas que se encontram na faixa etária entre nove (9) e onze (11) anos. A pesquisa aconteceu no período de agosto a outubro de 2011, em decorrência da realização do Estágio Supervisionado, componente curricular obrigatório para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras - PB. A todos os participantes foram atribuídos nomes fictícios para preservar suas identidades.

A Escola Municipal campo de pesquisa fica localizada no município de Sousa/PB. Essa instituição é gerida por uma diretora, uma vice-diretora e uma coordenadora pedagógica. A escola funciona nos turnos da manhã e da tarde com os anos iniciais do ensino Fundamental (1º ao 5º anos), constituída de cinco salas de aula. No turno matutino estudam 50 alunos e no turno vespertino 63 alunos. Estes, em sua maioria, são crianças vindas de famílias carentes que não possuem uma situação socioeconômica favorável, são filhos de pais pescadores, agricultores, domésticas, que não têm trabalho fixo.

O corpo docente da escola é formado por nove (9) professoras, sendo que cinco (5) trabalham pela manhã e quatro (4) à tarde. Só que dentre essas nove (9) professoras, sete (7) atuam como permanentes em sala de aula e duas (2) trabalham em contra turno, porém todas são funcionárias efetivas. Oito (8) das nove (9) professoras tem ensino superior (História, Geografia ou Pedagogia), dentre estas, algumas tem especialização em Psicopedagogia e Supervisão Escolar e apenas uma (1) possui o Curso Pedagógico. A faixa etária dessas professoras é de trinta e oito (38) a quarenta e oito (48) anos. Com relação ao pessoal de apoio, a instituição conta com: um (1) porteiro, dois (2) vigilantes, duas (2) cozinheiras e duas (2) funcionárias responsáveis pela limpeza.

Para a efetivação desta pesquisa foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação participante, o questionário e o formulário, percebidos até então como ideais para a realização desse trabalho. Entendemos que, com a observação participante o/a pesquisador (a) observador (a) se incorpora ao grupo ou comunidade que está sendo pesquisado, o que, no caso da presente investigação, possibilitou o acesso à sala de aula e a observação de comportamentos, ações, posturas, e desempenho dos sujeitos envolvidos, se existe diálogo, e como é a relação entre eles (MATOS, 2002).

O questionário destinado à professora, composto por 12 (doze) perguntas, objetivou o conhecimento das opiniões, compreensões ou mesmo postura da pesquisada, enquanto educadora, sobre a relação professor-aluno existente na escola, na sala de aula, bem como a sua relevância para o processo de ensino-aprendizagem dos (as) educandos (as). É importante ressaltar que a professora tem formação em Pedagogia, especialização em Psicopedagogia, com 30 anos de experiência profissional como professora efetiva do município de Sousa/PB, e há anos leciona no Ensino Fundamental.

Já o formulário aplicado junto aos alunos/alunas, foi estruturado com 14 (quatorze) perguntas objetivas e subjetivas. Esse instrumento nos possibilitou ficar frente a frente com os sujeitos da pesquisa, o que nos permitiu observar o comportamento e a postura dos (as) alunos (as) no momento em que respondiam as perguntas.

Nesta direção, este trabalho monográfico se constitui de cinco segmentos: a introdução à temática da investigação, o capítulo um que apresenta uma rápida abordagem teórica acerca do tema “Relação professor-aluno”, ressaltando vários teóricos e estudiosos que discutem a temática e a importância desse aspecto para o processo ensino-aprendizagem dos educandos e educandas.

O capítulo dois expõe os resultados obtidos com a coleta e análise dos dados, a partir do questionário aplicado à professora pesquisada, como fonte de conhecimento do seu posicionamento e compreensão da influência da relação professor-aluno para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, ilustrado pela teoria que os embasam.

O capítulo três apresenta a exposição dos resultados obtidos a partir do formulário aplicado aos alunos e as alunas, objetivando ter conhecimento da visão desses acerca da professora, das aulas, da escola, e do convívio entre professor e aluno, bem como entre alunos e alunos.

Por fim, apresentamos as considerações finais que se evidenciam como abordagem geral e conclusiva da análise dos dados coletados, ressaltando o posicionamento

da pesquisadora em torno dos resultados obtidos com a investigação, bem como reafirma a relevância da relação professor-aluno para o processo ensino-aprendizagem.

## 1 A TEORIA: DESPERTANDO REFLEXÕES

No processo de educação e escolarização é o professor e o aluno que estão cotidianamente se encontrando e vivenciando lado a lado experiências do ensinar e aprender como personagens de uma história em que ambos necessitam um do outro para escrevê-la. A relação professor-aluno é um assunto que instiga debates, e para tanto, tem se destacado como uma das muitas preocupações do contexto escolar.

É notável que em muitas escolas, o professor é visto como o transmissor de informações, aquele que ensina e manda, e o aluno é o receptor dessas informações, que escuta, obedece e esforça-se para aprender. Trata-se, então de uma educação bancária, E contrapondo-se a essa visão, Brasil (s.d) afirma que,

No processo ensino-aprendizagem alunos e professores deparam-se frente à frente e ambos participam da mesma aventura que fará dos primeiros homens espiritualmente adultos. O professor dá a palavra ao aluno para que este pronuncie o essencial, resulta daí que o principal não é o ensino, mas a aprendizagem. É acima de tudo, uma relação de ordem pessoal e humana, cujo sentido varia de acordo com a idade e a personalidade dos que nela estão envolvidos (p. 2).

Dessa forma, entendemos que a escola como espaço que propicia o desenvolvimento intelectual e cultural dos sujeitos dentro de uma sociedade, necessita da interação professor-aluno como indispensável para que ocorra o progresso do processo ensino-aprendizagem. E o educador enquanto mediador da aprendizagem do aluno deve está atento a sua atuação, a qualidade da mediação que exerce no processo de ensino, pois desta dependerá o avanço da aprendizagem do educando.

Nessa perspectiva, a relação professor-aluno implica no processo ensino-aprendizagem e, quando se pensa no termo ensinar, logo surge à ideia de instruir, transmitir conhecimentos, orientar, guiar. A estas tarefas atribui-se um responsável, o “professor”. A este se deposita toda responsabilidade pelo processo de aprendizagem dos alunos.

Buscamos, pois, a partir deste trabalho ressaltar que no processo ensino-aprendizagem deve existir uma interação entre o professor e o aluno, a partir do qual ambos tenham o objetivo de produzir mudanças, pois toda aprendizagem precisa ter como base um bom relacionamento entre os sujeitos participantes.

É perceptível em muitas situações encontradas no âmbito educacional que as pessoas envolvidas nesse meio e até mesmo a sociedade em si, não acordaram para a

realidade que norteia o nosso tempo. É natural que diante disso tenha surgido à necessidade de novas posturas e novos papéis na sociedade e instituições sociais, o que se estende à escola e aos agentes que dela fazem parte - educadores, gestores e demais profissionais da educação. Estes, entretanto, em alguns casos, não têm cumprido seus reais papéis de educar e formar sujeitos pensantes e críticos com compromisso de agir-pensar-agir na educação, conforme a realidade observada.

Para a sociedade vigente na educação “[...] o processo de ensino vai além da exposição dos conteúdos, vai de encontro às potencialidades de cada indivíduo, seus sentimentos e necessidades” (SILVA, 2007, p. 1). Nesse sentido, as relações humanas ainda que se definam complexas tornam-se essenciais para uma aproximação entre indivíduos e ao afloramento e construção de uma relação que pode ou não favorecer o processo de desenvolvimento psíquico e comportamental de um indivíduo. Conforme Lopes (s.d., p. 5):

Organizar uma prática escolar, considerando esses pressupostos, é sem dúvida, conceber o aluno um sujeito em constante construção e transformação que, a partir das interações, tornar-se-á capaz de agir e intervir no mundo, conferindo novos significados para a história dos homens.

Imaginar uma escola que tenha por base a interação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem é pensar um lugar onde cada sujeito possa conquistar o seu espaço e juntos construir conhecimentos, valores e saberes, de forma que todos se sintam agentes participantes do processo de pensar e agir coletivamente. A essa interação está imbricada também a dimensão afetiva do ser humano que, de acordo com Lopes (s.d, p. 8) “a teoria de Wallon<sup>2</sup> considera as questões afetivas como molas propulsoras que promovem o avanço e o desenvolvimento dos indivíduos”. Com isso, entendemos que a partir das experiências vividas e propriamente da interação entre os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, a afetividade e o conhecimento se desenvolvem.

Nessa perspectiva, ensinar não compete apenas em construir conhecimentos, ministrar conteúdos, é mais que isso, é promover o desenvolvimento do sujeito enquanto homem, ampliar o leque de oportunidades que vai surgindo na medida de seu desenvolvimento, portanto, na escola, buscamos transformar a interdependência real em solidariedade, preparando o educando para se compreender e compreender o outro, propiciando-lhe um conhecimento melhor do mundo, o que possivelmente o ajudará a

---

<sup>2</sup> Para Wallon (1971) a afetividade e a inteligência não surgem pronta e acabada, ambos desenvolvem de acordo com as aprendizagens e desenvolvimento da criança (ROCHA, s.d., p. 9) (Sic).

descobrir os fundamentos de sua cultura e formação. Confirmando esse pensamento, Martins (2010, p. 18), diz:

[...] a relação professor-aluno não é um simples contato entre o educar e o aprender, vai muito, além disso. Pois o professor ao mediar o conhecimento está em contato constante com os seus alunos. É necessário que, tanto professor quanto os alunos mantenham uma relação onde o afeto é o alicerce para a convivência harmoniosa entre ambas as partes. Portanto, tem-se que considerar que a relação professor-aluno abrange pontos estratégicos de uma convivência diária entre professor e aluno e devem ser levados em conta toda e qualquer forma de manifestação de afetividade que contribui na relação professor aluno de forma significativa.

Com base nesse pensamento almejamos que no processo de ensino-aprendizagem o educador acredite no potencial do aluno, e procure criar condições que favoreçam o seu desempenho. Para tanto, parece ser necessário haver uma interação na relação professor-aluno, para que ambos se permitam conhecer, aprender, descobrir e construir.

Vale ressaltar, então, que a interação social depende da percepção que se tem das pessoas com as quais se interage. Entretanto, essa percepção é muitas vezes falsa e preconceituosa e, o preconceito, por sua vez, impede uma relação positiva entre as pessoas. No processo de ensino-aprendizagem a interação professor-aluno parece indispensável, uma vez que, esta possibilita que cada um desempenhe seu papel permitindo-se fazê-lo com o propósito de construir o conhecimento. De acordo com Martins (2010, p. 16):

A criança aprende quando se envolve no processo de produção do conhecimento, através da mobilização, da motivação, de suas atividades mentais e na interação com o outro. A sala de aula precisa ser um espaço de formação de conhecimentos, informação, de humanização, na qual a afetividade possa ser usada em favor da aprendizagem.

Nesse sentido, o processo de aprendizagem ocorre em consequência das interações vivenciadas pelas pessoas, na medida em que um interage com o outro conquista novas formas de pensar, agir e assim construir novos conhecimentos. Afirma ainda Martins (2010, p. 14) que:

O processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas a partir de uma relação vincular. É por meio das interações e experiências que a criança vivencia na escola, que o processo de desenvolvimento afetivo vai aos poucos se manifestando por meio das ações e outros fatores que contribuem nesse sentido. A escola por ser um meio onde as possibilidades são variadas, as situações e vivências acabam proporcionando um importante enfoque para a construção do indivíduo como pessoa. É por meio das relações de interação e vivências cotidianas

que a afetividade é permeada e permite a construção de novos saberes e agrega novos valores ao ser humano, enquanto sujeito social.

Dessa forma, ao tratarmos do processo educativo de um sujeito, percebemos que a afetividade está intimamente ligada à aprendizagem, uma exerce importância sobre a outra, e ambas caminham juntas para o progresso do processo de ensino-aprendizagem escolar. Assim, Martins (2010, p. 15) ressalta que “a afetividade está ligada às emoções, às paixões e os sentimentos, já a aprendizagem, está ligada ao conhecimento, a descoberta e a atividade, definidos por processos individuais, coletivos que se desenvolvem através de interações”.

O processo educativo é, por sua vez, um processo social de relações interpessoais, realizado pelos sujeitos – professor e aluno – e mediatizado pela relação com o conhecimento. Com isso entendemos que uma prática pedagógica deveria, atenta e constantemente, buscar a qualidade das suas relações, valorizando os aspectos afetivo, social e cognitivo, integrando-os enquanto elementos fundamentais no desenvolvimento da criança como um todo. Segundo Tassoni (s.d., p. 3):

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações.

Desta forma, compreendemos que a aprendizagem é um processo contínuo que acontece ao longo da vida e, necessariamente conta com o apoio e parceria do outro, da interação entre os homens e dos laços afetivos que os permitem relacionarem-se. E na medida em que um sujeito se relaciona e interage com o(s) outro(s) socializa conhecimentos, ensina e aprende ao mesmo tempo, é uma troca e também uma chance de enriquecer o processo de aprendizagem. Entretanto, só há crescimento e desenvolvimento no instante em que os sujeitos se abrem a novos conhecimentos, e portam-se dispostos a modificar opiniões, crenças e convicções. Conforme Martins (2010, p. 4):

No processo de ensino e aprendizagem a inteligência ou à capacidade cognitiva do ser humano vai de encontro à capacidade do indivíduo em aprender. Ao desenvolver a capacidade de aprender, aos poucos se evidenciam outros aspectos que englobam a aprendizagem de forma relevante, dentre esses aspectos, estão o social e o afetivo que associados ao aspecto cognitivo revelam as etapas da aprendizagem.

Diante disso, o aluno ainda que esteja na condição de aprendente tem sempre algo a dizer, a falar, a ensinar, e o professor certamente não deixa de aprender quando exerce o ofício de sua profissão, pois o ensinar se define em função do aprender, e a aprendizagem, antes de tudo, exige uma contínua abertura para modificações tanto por parte do aluno como também do próprio professor. Para tanto, compreendemos que esse movimento e essa interação que marcam o processo de ensino-aprendizagem são envolvidos por uma relação de proximidade, respeito, confiança e sentimentos.

Nesse sentido, a relação professor-aluno torna-se conhecimento coletivo e participativo, em que cada um desempenha o seu papel e, juntos dão movimento ao processo de ensino-aprendizagem embasado numa relação de diálogo, colaboração, participação e respeito mútuo. Desde então, torna-se fundamental que o educador tenha conhecimento da importância dessa interação professor-aluno para que o mesmo não se posicione como o dono do saber, mas sim como profissional/educador capaz de compreender a sala de aula como espaço de relações sociais e afetivas, que humanizam o ato de aprender.

A partir da compreensão anterior, o educador não mais entendido como um transmissor de conhecimentos, e sim um facilitador da mudança e da aprendizagem, capaz de compreender o educando e seu universo sociocultural para então intervir e colaborar com sua aprendizagem e seu desenvolvimento intelectual, moral e social. Com base nisso, a ação pedagógica desenvolvida por esse profissional requer segundo Ribeiro & Jutras (2006, p. 44):

[...] um professor centrado na pessoa do aluno, que compreende suas necessidades e as inclui no planejamento do ensino e que busca desenvolver, na sala de aula, atividades criativas, dinâmicas e que demandam participação, nas quais os alunos, em grupo, aprendem a convivência.

Nessa perspectiva, entendemos que o educador para desenvolver sua prática pedagógica torna-se necessário que o mesmo veja os educandos com mais atenção para melhor entender suas condutas e não fazer julgamentos precipitados, e, além disso, ser um profissional comprometido com a educação e com o conhecimento, de forma a contribuir com a formação da pessoa e seu desenvolvimento psíquico, intelectual, moral e social, como participante do grupo social em que vive. Desse modo, ao educador cabe incentivar mais do que punir, orientar mais do que forçar e compreender mais do que julgar. Trata-se de acreditar e buscar conhecer cada aluno e seu potencial (GOMES, 1999).

Por conseguinte, é na instituição escola que os alunos aprendem a atribuir significados as coisas vistas lá fora e, é então, papel do professor, enquanto educador prover

condições cognitivas e afetivas que possam ajudá-los a atribuir esses significados (LIBÂNEO, 2004).

Assim, em tudo que circunda a educação e a escola, nada funciona ou tem sentido sem a presença e a ação do educador, pois este é um dos personagens principais desta história, que em proximidade com o educando, juntos promovem o processo de ensino-aprendizagem. O educando, por sua vez, sempre tem com o que contribuir para a construção do conhecimento e, o educador precisa reconhecer isso e dar-lhe a oportunidade de expressar e revelar suas contribuições, o que possivelmente ajudará no trabalho do professor e no processo de ensino-aprendizagem, como afirma Silva (2007, s.p.):

Desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isto possa ser melhor cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

A relação e interação entre professor e aluno tornam-se essenciais para que haja esse movimento de permissão, troca, compreensão, apreensão, respeito, parceria e proximidade, elementos estes imbricados entre laços afetivos, ainda que ocultos ou pouco percebidos. Na visão de Martins (2010, p. 21):

A dimensão afetiva ocupa lugar central, seja do ponto de vista da construção quanto do conhecimento, já que a construção do eu é um processo combinado ao que está por vir, que é pressentido sempre dentro de cada um. Cabe a educação, em cada um dos seus momentos, criar situações em que o sujeito possa através da satisfação manifestar suas necessidades orgânicas e afetivas para depois manifestar-se como ser atuante na construção de si mesmo através de um bom processo de ensino-aprendizagem.

O educador, durante todo o seu trabalho, busca melhores formas de transformar os conhecimentos e torná-los acessível aos educandos utilizando-se de uma linguagem que condiz com a realidade dos mesmos e que certamente facilitará a compreensão e apreensão dos conteúdos e a construção de novos conhecimentos. Desse modo a socialização de saberes, torna-se possível a partir de uma adaptação as necessidades e realidade de quem quer, deve e precisa aprender, para transformar-se.

Portanto, compreendemos que a educação é fundamental para a vida em sociedade, e a escola existe porque há a necessidade de ensinar, há quem necessita aprender.

Para tanto, vista enquanto instituição de valor social na formação de homens, como seres pensantes-críticos-reflexivos, é o espaço ideal para se conhecer, respeitar, construir valores e conhecimentos, elementos que sustentam as relações humanas.

## 2 EDUCADOR: O MEDIADOR DA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

O referido capítulo apresenta uma explanação dos dados coletados com a professora pesquisada seguido de análise fundamentada em teóricos que enfatizam a importância da aproximação professor-aluno para o processo ensino-aprendizagem. Trata-se de uma discussão acerca da temática que envolveu e impulsionou essa pesquisa.

As possibilidades de se construir uma relação professor-aluno embasada no respeito, confiança e laços afetivos está intimamente ligada ao potencial que o educador necessita evidenciar e pôr em prática, doando-se na busca pela conquista e aceitação do educando, e permitindo-se fazer jus ao seu papel de educar e formar pessoas guiando-se pelos mais variados caminhos que favorecem o movimento e o sucesso do processo ensino-aprendizagem. É nessa busca e tentativa de aproximação que o educador se abre para o educando e permite que este também se doe, e juntos cresçam e se humanizem, pois segundo Martins (2010, p. 16) “O homem aprende sua humanidade em grupo, humaniza-se na interação com os outros, na socialização, no aprender e reproduzir sua cultura, com seus hábitos, costumes, suas regras, suas normas, seus valores, sua moral”.

Os dados coletados com o questionário aplicado à professora serviram, também, como uma ponte para que a mesma pudesse refletir sobre o tema em questão e sua prática docente. Com relação à primeira pergunta que buscava perceber qual a compreensão da professora referente à importância da relação professor-aluno para o processo ensino-aprendizagem, ela afirma:

Como educadora acho necessário um bom relacionamento entre o professor e os alunos, uma vez que essa cumplicidade passa a agir de forma segura e confiante, trazendo conforto para que os alunos possam interagir e, vindo conseqüentemente o sucesso na aprendizagem e até mesmo no equilíbrio emocional (IRENE, 2011).

Percebemos no posicionamento da professora a importância atribuída à relação professor-aluno, ressaltando os efeitos dessa relação sobre os/as alunos e alunas, na aprendizagem e na formação do ser social. É interessante essa fala e a visão que a pesquisada tem diante da educação, pois mesmo por se tratar de uma educadora com 30 (trinta) anos de experiência profissional não expõe qualquer marca deixada pelas dificuldades enfrentadas e, então, superadas ao longo de sua trajetória profissional, muito pelo contrário, ela ressalva a todo o momento a necessidade da proximidade professor-aluno para melhor conduzir o processo de ensino-aprendizagem. Nesse instante, ressaltamos, Miranda (2008, p. 2):

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. [...] A dimensão do ensino e da aprendizagem em sala de aula é marcada por um tipo especial de relação, a qual envolve o professor e aluno na mediação e apropriação do saber [...].

Nessa dimensão a que se refere à autora, está imbuída a postura do educador, sua prática docente, seu compromisso com a educação de qualidade, sua autoconfiança e a confiança, o reconhecimento e aceitação do outro (educando) enquanto ser humano capaz, pois como afirma Palomares (2010, p. 11) “Ver o aluno como ser humano, sentado ali, à sua frente, parece-me ser a chave para um bom relacionamento com ele”. E é então, a partir desse perfil de educador que se começa a tecer uma relação dinâmica e humanizadora, que requer também conquista e respeito mútuos. Trata-se de uma relação de cumplicidade, assim, como caracteriza a professora Irene, e diríamos mais, uma relação de reciprocidade. De acordo com Antunes (2010, p. 12-13):

Os laços entre alunos e professores se estreitaram e, na imensa proximidade desse imprescindível alfabeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos, reflexões integradoras que necessitam ir muito além de um singelo “sou seu professor e gosto muito de você.

É fato que a realidade que circunda a educação brasileira, não é nenhum cenário deslumbrante, cheio de perfeições, sem nenhum problema. Mas também é fato que se os educadores e demais profissionais da educação comprometidos com um trabalho de qualidade, e que buscam um mesmo objetivo - educar e formar crianças e jovens em adultos livres, pensantes, críticos e reflexivos para toda a vida - não ficarão de braços cruzados esperando as mudanças acontecerem por si, mas sim, a partir de cada trabalho realizado com eficácia e comprometimento refletindo a todo tempo sobre cada ação que prima pelo sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Mudanças de nomenclaturas, criações de programas, propagandas belíssimas, cursos de capacitação, todo e qualquer investimento que se faz na educação é insuficientemente eficiente e eficaz se não há mudança na postura do professor e dentro de si mesmo. Reforçando esse pensamento, Tiba (2010, p. 21) afirma “A vida é uma evolução progressiva constante. O melhor de hoje com certeza será superado amanhã, assim como um passado já foi superado”.

Na educação existe a constante necessidade de mudar para transformar, pois uma mudança só tem significância quando se obtém como resultado a transformação, a melhoria de algo ou alguém. Para tanto, segundo Tiba (2010, p. 23) “[...] para melhorar a vida, é preciso que cada pessoa comece uma mudança de atitude dentro de si mesma”. É nessa congruência que o educador no exercício da docência se abre constantemente para novas conquistas e se constrói um profissional flexível capaz de enxergar e compreender a individualidade de cada educando.

Continuando esse pensamento, afirma Antunes (2010, p. 9) que “Cada pessoa é e sempre será um universo de individualidade; suas ações, seus motivos, seus sentimentos constituem paradigma único”. Nesse sentido, podemos compreender que cada educando é um sujeito único, com necessidades, dificuldades e potencialidades individuais, que precisa ser levadas em consideração pelo educador para que ambos possam construir uma relação prazerosa que favoreça ao sucesso do processo ensino-aprendizagem. Nessa dimensão o educador ocupa o posto de líder, não como um detentor do conhecimento que usa do autoritarismo para impor normas e regras dogmatizadas, mas sim como um guia que coordena e orienta as abordagens que constitui o processo educativo. Desse modo “[...] o bom líder não quer transformar seus liderados em seguidores, mas sim em praticantes da liderança, para que desenvolvam seus próprios desempenhos” (TIBA, 2010, p. 158).

Respondendo a segunda pergunta do questionário, que interrogava como a professora caracterizava a relação professor-aluno em sua sala de aula, sua resposta veio confirmar a importância ressaltada anteriormente por ela, para o processo ensino-aprendizagem. “Como um mediador na vida escolar, procuro manter uma relação de confiança, afetividade, respeito, responsabilidade e controle, deixando-os confiantes e seguros” (IRENE, 2011).

Diante do que foi pontuado pela professora percebemos que o lugar que ocupa na escola e na sala de aula não é de um transmissor de conhecimentos, mas sim de uma educadora comprometida com a aprendizagem e formação integral dos/das educandos e educandas. É notável a evidência da confiança e segurança que seus alunos e suas alunas lhes têm, e isso é fruto de uma relação afetuosa que foi construída e conquistada por ambos. Como bem afirma Werneck (2004, p. 10):

Os alunos, na simplicidade da observação com o coração leem nossos gestos. Os alunos percebem facilmente nossas ações, se estão na linha prazerosa e, dessa observação, deduzem sem teorias complexas se devem aumentar ou diminuir a confiança que em nós depositam.

Nessa perspectiva, a relação professor-aluno é uma interação dinâmica na medida em que ambos oferecem o que recebem, é por sua vez, uma conquista diária engendrada numa reciprocidade. Os problemas e as dificuldades encontradas no dia-a-dia do ofício do educador são desafios provenientes da época vivenciada, da sociedade e dos tipos de sujeitos nela existentes, das necessidades de um tempo que constantemente se transforma e se moderniza, e com isso cresce as exigências e cobranças. Isto, por sua vez, é refletido nas mais variadas profissões e instâncias da sociedade, assim, como na docência e na instituição escola.

Outros questionamentos foram levantados a respeito da importância da relação professor-aluno como influência positiva ou negativa para o processo ensino-aprendizagem, dos estudantes. A professora pesquisada respondeu:

O professor é responsável tanto pelo sucesso como pelo fracasso. Quando ele age de forma integrada de amizade, essa relação de intimidade torna mais confortável, mais participativo e mais criativo a aprendizagem de sucesso. Acho necessária a integração, pois a aprendizagem parte da convivência com pessoas; com partilha a criança passa a formar e aumentar seus conhecimentos e sua cultura. O professor contribui com a aprendizagem quando ele abre espaço para os alunos desenvolverem sua cultura de forma construtiva e integrada. Sabemos que aprendizagem tem suas etapas e uma delas é “começar interagindo com pessoas” (IRENE, 2011).

Analisando essa fala, a professora deixa claro quão necessária e importante se faz uma relação de confiança, respeito e integração entre professor e aluno, para melhor propiciar os caminhos da produção e reprodução de conhecimentos que constitui o processo de aprendizagem dos educandos.

De acordo com Simka (2010, p. 88) “O professor pode deixar marcas profundas e duradouras nos alunos. Ou simplesmente passar despercebido”. É justamente nessa relação professor-aluno que o educador se doa aos educandos e traça caminhos para conhecê-los melhor e utilizar-se de práticas docentes e até mesmo de estratégias para oportunizar a cada um o acesso ao conhecimento, dando-lhes liberdade de expressar pensamentos, ideias, histórias, sentimentos e emoções. Trata-se também de uma relação humanizadora, que leva em consideração o educando enquanto ser humano dotado de qualidades, sentimentos, emoções, necessidades individuais e coletivas, porém cada qual com suas limitações. Nessa conjuntura, para a aproximação desses sujeitos compete ao educador dar o primeiro passo, por ser este o mediador do processo de ensino-aprendizagem, pois conforme Simka (2010, p. 92):

A confiança, o respeito e a liberdade constituem características que surgem na relação entre professor e aluno quando o professor se coloca como participante do

processo de interação, ao pautar sua atuação humano-pedagógica no tratamento proporcionado aos alunos que, em uma relação de reciprocidade, começam também a desenvolver as características acima apontadas.

A partir desse pensamento podemos constatar que a criança ou o jovem constroem seus próprios pensamentos, cabe ao adulto, seja ele pai, mãe ou educador, mediar essa construção, apresentar o que se faz necessário saber não só para a escola, mas para toda a vida, “é preciso valorizar as diferenças individuais sem jamais perder de vista o contexto interativo” (HOFFMAN, 2005, p. 16).

Segundo Hoffman (2005), estudiosos como Piaget e Vygotsky defendem que é indispensável à intervenção do educador na construção do conhecimento, e que é de grande importância a interação adulto/criança e criança/criança como indispensável nos processos de aprendizagem e desenvolvimento. “Todos aprendem todos os dias, de jeitos diferentes, coisas diferentes, com pessoas diferentes, em tempos diferentes” (Idem, p. 31).

Nesse sentido, entendemos que no processo de aprendizagem, a interação e a mediação são elementos fundamentais, e que a tarefa do educador é bem mais que ensinar, é oferecer oportunidades para aprender, mostrar caminhos que possibilitem a construção de conhecimentos, e do próprio aprendiz enquanto sujeito pensante, respeitando, por sua vez, a fase de desenvolvimento, o tempo e o espaço em que se encontra a criança ou jovem. Müller (2002, p. 276) afirma:

A relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar sujeita a um programa, normas da instituição de ensino, a interação do professor e do aluno forma o centro do processo educativo.

A criança e o jovem na contemporaneidade - assumem o papel de seres que pensam, falam, têm curiosidades, interrogações e que também podem contribuir no meio em que estão inseridos. Não se pode excluir uns e privilegiar outros. Escola, educação e aprender com qualidade, são direitos de todos. E esses direitos significam que o educando tenha espaço e seja respeitado e valorizado em suas diferenças, seu jeito de pensar, seus anseios e suas necessidades, independente de sua ordem social, cultural, étnica, religiosa e física.

O educador precisa acatar que o educando tem uma maneira própria de descobrir as coisas e o mundo, e isso é individual, único e diferente. Mas pode ocorrer de forma mais significativa a partir da interação com outros sujeitos, com objetos de conhecimento, com o que é diferente. Ao educador cabe a tarefa de mediar essa interação proporcionando meios,

mostrando caminhos, e dando a liberdade de expressão ao educando, a chance dele poder dividir o que pensa e as ideias que vem construindo sobre determinado assunto.

Na interação professor-aluno, o ensinar e o aprender concedem ao educando autonomia para construir ideias e pensamentos, e ao educador assumir o papel de mediar essa construção, mostrando caminhos que o faça refletir e formar sua visão sobre as coisas e o mundo. Conforme Hoffman (1995 apud RABELO 2009, p. 12) “[...] a criança, o jovem, aprimoram sua forma de pensar o mundo à medida que se depara com novas situações, novos desafios e formulam e reformulam suas hipóteses”. Assim, o educador estará contribuindo para o desenvolvimento da criança ou do jovem enquanto cidadão e conseqüentemente para o crescimento da capacidade do educando de se organizar de forma participativa na sociedade.

Cabe, nesse instante, destacar: a influência da afetividade na relação professor-aluno para a formação do educando, já que se trata de uma relação humana de interação e mediação; e a maneira como as manifestações afetivas (emoções, paixões, sentimentos) interferem na aprendizagem desse sujeito.

De acordo com a professora pesquisada, “quando o grupo tem junto ao professor confiança e amizade [...] age de maneira segura com ele e com os amigos [...]. Passam a construir sua autoconfiança” (IRENE, 2011). Todavia ela ressalta que as manifestações afetivas interferem na aprendizagem do aluno “quando deixamos a liberdade agir na forma de libertinagem, sem controle e limites de respeito” (idem, idem).

Na reciprocidade da relação professor-aluno presumimos que os laços que ligam esses dois sujeitos são recheados de emoções, afeto, respeito, gostar de estar junto e contribuir para o progresso de ambos, pois na medida em que o educando aprende, compreende, desenvolve-se e cresce intelectual, moral e socialmente, o educador também tem êxito, o trabalho desenvolvido por ele, obteve bons resultados, e poderá continuar fazendo e aprimorando cada vez mais, acompanhando o ritmo do desenvolvimento do educando.

A dimensão afetiva existente na relação professor-aluno também é uma construção que implica um processo de conquistas, o qual vai sendo estruturado gradativamente, dia após dia numa constante experimentação da vivência com o outro, em diferentes situações e espaços sociais. É exatamente na interação entre sujeitos que são tecidas as relações, e estas por ventura precisam ser regadas com diálogo, atenção, compreensão e respeito. O diálogo, por sua vez, é a chave para a porta de entrada dessa interação professor-aluno que também requer proximidade e doação de ambos os sujeitos.

Esse pensamento aponta para o que diz a professora pesquisada ao concordar com a afirmação de Tassoni (s.d., p. 3.) “Toda aprendizagem está impregnada de afetividade [...]”

e a pesquisada afirma: “[...] a construção do nosso mundo de aprendizagem se faz com a integração entre pessoas, somos afetivamente ligados” (IRENE, 2011). Concordando com esse pensamento, Mafra (2010, p. 103) também diz:

Ensinar e aprender são ações indissociáveis, e esse processo não pode reduzir-se ao cognitivo. Ele envolve muitos outros aspectos, como a afetividade, a motivação, a sensibilidade – ingredientes imprescindíveis á educação humanista. Os vínculos entre professor e aluno não podem estar circunscritos a uma postura científica e positivista, baseada na isenção e na neutralidade do conhecimento, mesmo porque nada em educação é neutro ou sem intenções.

Daí, entendemos que a ação pedagógica desempenhada pelo educador é uma ação intencional e direcionada ao educando, pois trata de um trabalho que envolve além de planejamento, modos de agir, pensar, ensinar e se relacionar, compromisso, comprometimento, responsabilidade, desejo, vontade e garra para desenvolver um trabalho recheado de ações que conduzam o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Ensinar já não compete transferir conhecimentos e ministrar conteúdos; mas sim promover o desenvolvimento do sujeito enquanto homem, ampliando o leque de oportunidades que vai surgindo na medida de seu desenvolvimento. Na escola, dá-se destaque em transformar a interdependência real em solidariedade, preparando o educando para se compreender e compreender o outro, propiciando-lhe um conhecimento melhor do mundo, o que possivelmente o ajudará a descobrir os fundamentos de sua cultura e formação, como diz Mafra (2010, p. 105) “Os vínculos afetivos possibilitam uma relação transferencial, responsável em converter o desejo de aprender em conhecimento”.

Nesse sentido, o processo educativo é, por sua vez, um processo social de relações interpessoais, realizado pelos sujeitos – professor e aluno – e mediatizado pela relação com o conhecimento. Com isso percebemos que uma prática pedagógica deve, atenta e constantemente, buscar a qualidade das suas relações, valorizando os aspectos afetivo, social e cognitivo, integrando-os enquanto elementos fundamentais no desenvolvimento da criança como um todo, conforme afirma Fontoura (2010, p. 69-70):

O verdadeiro papel do educador consiste em buscar o caminho para os limites que não proibam por proibir, porém, os limites que libertam e ajudam a crescer. As crianças e os adolescentes precisam e querem este tipo de limite. Nós precisamos oferecê-lo na dose certa. Para tanto, é necessária uma atitude de abertura constante de aprendizagem, precisamos entender o nosso tempo e os filhos do nosso tempo, para agir a partir da nova cultura e não da que acostumamos a ter como verdadeira. A flexibilidade, a abertura e a atenção ao tempo de hoje podem ser os primeiros ingredientes para que esta receita dê realmente certo. É preciso urgentemente

começar a buscar os portos seguros, as fontes de equilíbrio para aprendermos que os limites bons são aqueles que sempre nos libertam.

Conforme o pensamento supracitado é preciso compreender que as relações interpessoais ganham ênfase nessa interatividade dos sujeitos protagonistas do processo ensino-aprendizagem, bem como em todo ambiente escolar. Ainda que seja evidenciado que está no educador a tarefa de educar e formar pessoas, não se pode minimizar a responsabilidade que a escola e os demais profissionais da educação têm sobre essa tarefa, contudo o dever que todos têm em se empenhar para oportunizar a sua realização.

Com relação a esse ponto, questionamos da professora pesquisada qual postura docente ela mantinha em sala de aula no cotidiano escolar: “Procuro agir de forma segura, mantendo respeito, integridade, amizade e controle. Procuro sempre realizar atividades participativas e integradas para atingir meus objetivos” (IRENE, 2011). Esses dados apontam para o que diz Fontoura (2010, p. 76):

[...] o educador deve despertar o encantamento, principalmente por externar a paixão com que apresenta as suas atividades, com que fala do seu componente curricular, procurando fazer de cada proposta pedagógica uma necessidade transformadora em desejo de consumo pelo aluno. [...] o educador encanta primeiramente o aluno se ele estiver encantado com o que se propõe a ensinar.

Corroborando com o pensamento do autor, o educador, no exercício da sua prática docente precisa buscar meios, usar seus conhecimentos e estudos teóricos para possibilitar o desenvolvimento de um trabalho significativo e eficaz na educação, o que certamente requer muito trabalho, empenho, responsabilidade, compromisso, prazer e amor pelo que faz.

Educar significa ensinar, guiar e mediar caminhos para o processo de aprendizagem, e isso é feito de acordo com a realidade de cada sujeito, objetivando o seu desenvolvimento de modo que suas necessidades sejam levadas em consideração, o que requer também um educador capacitado e preparado para exercer o ofício de sua profissão.

Dificuldades, problemas, obstáculos são elementos que existem e sempre existirão na profissão docente, porém não devem ser encarados como barreiras indestrutíveis, mas como estímulos para abraçar a arte de educar e ensinar, bem como fazer disso uma fonte de prazer, reconhecendo que pode ajudar alguém a se desenvolver e crescer enquanto ser pensante e também contribuir significativamente para formar cidadãos de bem.

Para o educador, é gratificante e prazeroso ver o desenvolvimento e o progresso do educando, pois isso é consequência de um trabalho produtivo, é algo esplêndido, é orgulho

para o ser, é riqueza para a trajetória de um profissional que realmente honra o trabalho que exerce, e o faz bem.

Finalizando o questionário aplicado junto à professora pesquisada foram levantadas duas questões: uma relacionada ao envolvimento e interesse dos alunos e alunas nas aulas, e outra quanto à interação entre professor e alunos e alunos-alunos. Ela respondeu: “São alunos cuja integração entre grupos é bem aceita. Com relação às atividades e disciplina são dirigidas e questionadas por mim levando-os a participação” (IRENE, 2011).

Analisando a colocação da professora, entendemos que o educador na prática de suas ações pedagógicas necessita mediar à relação entre ele e os educandos, motivando, incentivando e despertando a interação, ou seja, o envolvimento, e assim propiciar a construção e reconstrução dos conhecimentos, levando em consideração que o processo de aprendizagem decorre das interações entre os sujeitos no qual se evidencia as potencialidades, os sentimentos e as necessidades de cada um.

Nessa magnitude, está presente a importância das relações interpessoais carregadas de valores e manifestações afetivas que aproximam os sujeitos desse processo de ensino-aprendizagem firmando uma relação que vai sendo construída cotidianamente no espaço da sala de aula, não sendo este apenas um espaço de construção de conhecimentos, mas sim um espaço vivo de convivência e formação humana. De acordo com Reis (2010, p. 114):

[...] a sala de aula é antes de tudo um espaço humanizador, lugar de troca, espaço de crescimento de ambas as partes. Existe um movimento recíproco de construção na sala de aula. Perceber isso é fundamental, diria mais: romper com uma postura representacionista do mundo é condição básica para educar. Interagimos o tempo inteiro com nossos alunos, somos transformados por essa interação da mesma forma que provocamos neles mudanças.

Sob o mesmo ponto de vista, compreendemos que todo espaço ocupado pelo homem, é espaço de aprendizagem, há sempre o que conhecer e aprender. É, então, papel do educador utilizar-se de uma prática de ensino de forma que possa mediar todo o processo da construção de conhecimentos dos educandos, levando em consideração os elementos que permeiam o espaço que ocupam e a realidade em que vivem.

Enfim, a ação do educador na escola e na sala de aula partindo da realidade que ele encontra, certamente é o lócus para fazer deste um verdadeiro espaço educativo, onde se ensina e aprende. O bom professor age e desenvolve seu trabalho de acordo com o público que está atendendo, resignificando o espaço ocupado pelo educando e sua importância

enquanto ser social que prima pela educação, como um dos meios de se constituir um ser livre e pensante. A escola, enfim, é um local de aprendizagem e a sala de aula um espaço que possibilita conhecer, apreender e construir saberes.

### 3 PROFESSOR E ALUNO: AUTORES DE UMA HISTÓRIA COMPARTILHADA

Nesse capítulo apresentamos a análise dos dados coletados e comentamos as falas dos (as) alunos (as) que colaboraram com a pesquisa e responderam ao formulário aplicado com o propósito de conhecer e compreender a relação existente entre professor-aluno na sala de aula.

A partir da observação realizada constatamos que as falas dos (as) participantes condizem com a realidade que vivenciam na sala de aula. Acreditamos que por se tratar de uma sala composta apenas por doze (12) alunos (as) torna-se mais fácil a aproximação e a interação entre professor e alunos (as). Por meio de atividades e questionamentos, bem como da realidade que vivenciam, a professora busca estimular ou mesmo motivar os (as) alunos (as) a pensarem, refletirem e produzirem novos conhecimentos.

O contato direto que a professora tem com os (as) alunos (as) no cotidiano da sala de aula permitiu que eles pudessem construir laços de afetividade (amizade, confiança, respeito, cumplicidade) que os tornam cada vez mais próximos e contribui significativamente para o processo de ensino-aprendizagem.

Essa maneira de se relacionar da professora foi percebida nas respostas a primeira e segunda perguntas que objetivaram saber como os alunos e alunas viam a professora e se eles e elas se relacionavam bem com a mesma. De modo geral, os (as) pesquisados (as) tem uma boa visão da professora e se relacionam bem com ela, sendo que cinco (5) deles (as) responderam que ela era “uma professora boa”, seis (6) responderam que ela era “uma professora excelente”, dez (10) responderam que se relacionavam bem com ela, e apenas um (1) disse que “não se relacionava bem”.

Interessante é o que afirma o aluno Beto referente à pergunta acima: “Uma professora boa”, porém “não” me relaciono bem com ela “porque ela fica dizendo que se eu não aprender a tabuada vou ficar sem recreio”. É um tanto contraditório e, ao mesmo tempo curioso, um aluno definir sua professora como uma “boa professora” e, em seguida, revelar que “não” se relaciona bem com a mesma, pelo fato de chamar-lhe a atenção quanto ao aprender a tabuada. Parece mais um desabafo do que a revelação de um sentimento, pois se trata de não aceitar ou não gostar da colocação que a professora faz ao chamar-lhe atenção para aprender a tabuada das quatro operações da matemática.

Entretanto, diante das respostas de Beto e as dos demais é possível perceber que os alunos e as alunas têm uma visão positiva em relação à professora, o que favorece para que

ambos se relacionem bem. É admissível dizer que isso parte da postura assumida pela professora dentro da sala de aula e na escola, que aos poucos se mostra aos/as alunos (as) tentando conquistar um espaço que a permita agir e contribuir significativamente na formação e na vida de cada educando (a).

Trata-se, então, de uma conquista que vai sendo tecida aos poucos, conforme a vivência do dia-a-dia, que permite construir uma relação saudável e prazerosa entre professora e aluno (a)s. Desse modo os educandos e as educandas enxergam essa professora como uma pessoa confiável. De acordo com Vieira (2006 apud PADUA, 2010, p. 73):

O professor é responsável pelo ambiente de sua sala de aula, ele deve cuidar para oportunizar a manifestação dos melhores pensamentos e de sentimentos nobres, pois, assim, a criança se sentirá atraída pelo estudo, porque se encontrará fortalecida. Este preparo começa na mente do docente, que deve ordenar seus pensamentos, habituar o uso da reflexão antes de atuar com o aluno e fazer as tarefas com gosto. É preciso tornar tudo estimulante, usar da correção individualmente e em forma de raciocínio. Há de despertar na criança o interesse pela própria vida, além de dar elementos para que ela construa o conceito de estudo.

Nessa congruência, é possível se construir uma relação professor-aluno que favoreça significativamente a convivência entre esses sujeitos, bem como o processo de ensino-aprendizagem.

Complementando essa resposta segue o quarto questionamento voltado para a confiança dos alunos e das alunas na professora. Todos (as) os (as) alunos (as) responderam que confiavam na professora, justificando com comentários breves, porém com a colocação de algumas palavras intensas que expressam sentimentos, e isso foi possível perceber ao observarmos no rostinho de cada educando (a) no momento da aplicação do formulário.

Seguem as justificativas pontuadas por alguns alunos e algumas alunas ao afirmarem que confiavam em sua professora:

[...] ela é uma pessoa boa, legal, carinhosa, amiga (AMANDA).

[...] professora não mente, ela só brinca (DANIELA).

[...] ela ensina bem e é uma pessoa gentil (IGOR).

[...] ela me passa confiança, fala as coisas certas para mim e meus colegas (JORGE).

Os alunos e as alunas que colaboraram com a pesquisa atribuem respostas positivas ao justificar porque confiam na professora, reforçando as respostas anteriormente pontuadas quando a definem como professora boa, excelente, que se relacionam bem com ela. Acreditamos que essa imagem que os pesquisados e as pesquisadas revelam da professora

deve-se ao relacionamento que ambos tecem dentro da sala de aula e a proximidade que fortalece e enriquece o processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, compreendemos que ato de educar requer do educador interação com o educando, no qual o mesmo precisa conquistar um relacionamento harmonioso e de confiança, e se tratando da sala de aula objeto de estudo, essa relação é predominante, é vista pela professora como fundamental para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

A partir da observação realizada em campo e das respostas da professora ao questionário aplicado e analisado no capítulo anterior é possível afirmar que as relações tecidas entre os sujeitos desse cenário são embasadas de respeito, cumplicidade, confiança, afeto e amizade.

Na quinta questão, perguntamos aos/as pesquisados e pesquisadas se a professora os/as tratava bem. As respostas foram unânimes pelo “sim”, fortalecendo a satisfação que demonstram em ser alunos e alunas da professora Irene. Nessa dimensão relacional, vale destacar que o educador de hoje precisa portar-se como sujeito capaz de reconhecer o educando em sua dimensão humana para melhor se relacionar com ele, pois segundo Reis (2010, p. 119) “[...] Conviver bem deve ser nosso objetivo por trás dos conteúdos ensinados, deve ser nossa meta maior”.

A partir disso, ressaltamos que o diálogo é uma das melhores ferramentas para se trabalhar as relações entre pessoas. É por meio do diálogo, assim como defende Freire (2005), que há a comunicação e a interação entre os homens, e conseqüentemente realizar-se-á à verdadeira educação, em que educador e educando ensinam e aprendem, caminham e crescem juntos. Segundo Freire (2005) o diálogo torna-se importante na relação entre os homens, especialmente na prática educativa e na relação educador-educando, porque é por meio desse que os atos de refletir e agir se entrelaçam e dão suporte ao sujeito de criar, e também de conquistar e transformar o mundo.

Na sexta questão perguntamos aos/as pesquisados/as se participavam das aulas e onze (11) dos participantes responderam que “sim”. Logo, vem confirmar o que a professora Irene ressaltou em sua resposta, apresentando que gosta de desenvolver atividades que estimulem a participação de todo (a)s os alunos e as alunas.

Isso é visto, por sua vez, como uma estratégia que enriquece o processo de ensino-aprendizagem, as relações construídas dentro da sala de aula, bem como a socialização dos conhecimentos e interação dos sujeitos envolvidos.

Na sétima questão procuramos saber como esses (as) educandos (as) se comportavam durante as aulas. As respostas se dividiram em dois posicionamentos: cinco (5)

pesquisados (as) responderam que “prestam atenção e fazem as atividades”; seis (6) pesquisados (as) responderam que “às vezes se distraíam conversando com os colegas, mas faziam as atividades”.

Percebemos uma dose considerável de sinceridade nessas respostas, assim como sabemos também que não são todos os dias que o (a) educando (a) encontra-se bem e apto a ouvir, falar e fazer qualquer que seja uma atividade. É nesse momento que o educador deve aproximar-se ainda mais do educando para conversar e tentar entender o que se passa com ele, para enfim fazer algo que o ajude a despertar e brilhar novamente dentro da sala de aula. Conforme Antunes (2010, p.13):

Não mais deve existir espaço para a sala de aula em cuja porta edifica-se o simbólico cabide onde, ao entrar, o aluno ali deixa penduradas as suas emoções e sentimentos, posto que lá dentro valerá apenas pela lição que faz, atenção com que ouve e nota que tira.

Nessa perspectiva, não deve mais existir espaço para a “educação bancária” e, sim evidenciar uma educação problematizadora (Freire, 2005) como a “educação humanizadora e libertadora” do educador e educando, pois ambos são reconhecidos como sujeitos construtores e criadores de história.

Desse modo, não devem existir barreiras ou distância entre educador-educando, e o diálogo e a interação são ferramentas fundamentais para a aproximação de ambos, e para o enriquecimento e progresso do processo de ensino-aprendizagem.

Na oitava questão perguntamos aos educandos e as educandas se ao realizarem as tarefas e surgirem dúvidas, buscariam ajuda junto à professora. E todos/as responderam que “sim”. E com base na observação e na análise das respostas da professora Irene, é notável que a relação existente entre eles permite essa aproximação e, de certo modo, uma atenção mais específica para com aquele que necessita de ajuda para melhor compreender o que se estuda no momento.

Ademais, é nesse instante que é disseminado o diálogo entre esses sujeitos – professor e aluno – no decorrer da convivência que desfrutam diariamente na escola, especificamente dentro da sala de aula. Abrem-se caminhos que os permitem aproximar-se uns dos outros e conhecerem-se melhor e, desse modo, vão construindo um vínculo de amizade recheado com afeto, respeito, carinho e confiança que os permitem dialogar – ação fundamental na relação professor-aluno. Nessa relação, o diálogo é uma ferramenta valiosa para se construir uma relação de cumplicidade, como ressalta a professora pesquisada no

capítulo anterior. De conformidade com o que diz Vasconcelos (2012, p. 42) “A interação está na base das relações humanas [...]”, logo essa interação consubstancia uma relação próxima capaz de acolher, compartilhar e reconhecer o outro enquanto sujeito protagonista de uma história, de sua própria história, ao mesmo tempo em que considerar que a contribuição do outro pode enriquecer o enredo dessa história.

Foi perguntado aos educandos e as educandas se conversavam com a professora sobre outros assuntos (família, amigos, filmes, desenhos, brincadeiras), cinco (5) responderam “às vezes”; cinco (5) responderam “sim”; e apenas um (1) respondeu “não”.

Com base na observação realizada em sala de aula percebemos que a relação existente entre a professora e os alunos e as alunas os permitem conversar, saber como se sentem, o que se passa na família, no convívio com outras pessoas do seu cotidiano, como é o dia-a-dia fora da escola e o que costumam fazer nas horas vagas, quando estão com a família e com os amigos.

É de fato uma relação de cumplicidade já mencionada pela professora Irene. Trata-se de uma relação professor-aluno que implica além de conduzir, guiar e mediar os caminhos de acesso aos conhecimentos sistematizados e a construção de novos relacionando-os a realidade que os cercam, enxergar os educandos e as educandas em sua dimensão humana, reconhecendo-os como sujeitos capazes de construir suas próprias histórias.

Em conformidade com esse pensamento, ressaltamos ainda que no trabalho do educador torna-se essencial o *ouvir*, o *aceitar* e o *valorizar* cada educando e educanda. Afirmando esse pensar, Antunes (2010, p.23-24) diz:

(...) Se aceitarmos e valorizarmos nossos alunos, se os considerarmos capazes de desenvolver competências e habilidades necessárias para lidar com seus estudos e se os julgamos suficientemente importantes para reservarmos tempo em ouvi-los, contribuiremos para que desenvolvam padrões consistentes e realistas, sintam-se encorajados a não se intimidar com o fracasso e aprendam a agir de forma independente e responsável.

Para tanto, na arte de educar e no ofício de educador é condição relevante enxergar o (a) educando (a) não apenas como um aprendiz, mas sim como um sujeito capaz, competente e autor de sua própria história, que ao mesmo tempo em que se encontra na escola e na sala de aula para aprender e desenvolver habilidades e competências, pode também ensinar e contribuir significativamente para o processo ensino-aprendizagem, a partir de suas experiências vividas em outros momentos e espaços sociais.

Ao serem perguntados se gostavam de ser alunos e alunas da professora Irene, os onze (11) pesquisados/pesquisadas responderam com satisfação “sim”. Nesse momento foi possível perceber quão contentes eles estavam por terem Irene não apenas como professora que estava na sala de aula para ensinar conteúdos, mas sim como uma companheira de todos os dias em todo o processo de aprendizagem, que os ouvia, conversava, os aconselhava e realmente se importava com a aprendizagem.

Conforme a observação realizada, logo foram confirmadas as revelações dos alunos e das alunas ao falarem da sala de aula, da professora, da escola e do convívio com os colegas, ainda que não tenham expressado com palavras deixaram escapar por gestos e reações decorrentes nas situações vivenciadas, tamanha satisfação em serem alunos e alunas de Irene.

Muito embora o sucesso do processo ensino-aprendizagem não dependa, unicamente, dessa interação entre os sujeitos protagonistas dessa história, sobretudo requer o engajamento de toda equipe de profissionais da educação, da instituição escola, integrados e comprometidos numa política educacional e numa gestão democrática e participativa que busque oportunizar caminhos que possibilitem aos/as educandos e educandas crescerem e formarem-se intelectual, moral, social e psicologicamente. E sobre isso afirma Vasconcelos (2012, p. 32):

O processo educativo envolve uma malha de ações colaborativas e interdependentes que abarcam diferentes atores – internos e externos – com responsabilidades distintas, mas todas indispensáveis. Falamos de professores, mas também pressupomos a ação de gestores, pessoal técnico e administrativo, pessoal de apoio, família, além da ação necessária do poder público em seus diversos níveis, todos com responsabilidades no tocante às políticas educacionais. Daí não se poder centrar na figura exclusiva do professor todas as críticas a serem feitas à qualidade da educação nacional.

Em outras palavras, toda a instituição escolar funciona de acordo com uma política elaborada por um órgão superior que elenca as prioridades e as propostas a serem realizadas, deixando a cargo da gestão da escola escolher o melhor caminho a se cumprir determinadas regras, normas e princípios da educação básica em concordância com a localidade da instituição e o público ao qual atende.

Da mesma forma, está destinada ao educador a responsabilidade de coordenar e liderar a sala de aula levando em consideração alguns aspectos fundamentais para a sua atuação e o desenvolvimento de trabalhos com os educandos e as educandas que lhes são confiados (as), isto é, sua preparação, sua organização, sua postura, seu envolvimento, sua

interação, os recursos materiais necessários e disponíveis para a execução e o bom desenvolvimento de sua aula, (VASCONCELOS, 2012). De acordo com essa mesma autora (p. 32):

Ainda que as figuras centrais do processo de ensino-aprendizagem sejam alunos e professores – cabendo a estes a tarefa diária de encaminhar as ações da educação formal -, todos os diversos profissionais da escola são parte integrante e importante desse mesmo processo. Além disso, as condições para que o trabalho docente possa ocorrer com eficiência e eficácia dependem da integração dessa equipe, em torno dos objetivos educacionais que devem ser únicos e por todos buscados.

A priori, o educador em sala de aula é o profissional que se deve apresentar cheio de possibilidades, de sonhos e até mesmo de utopias, que o impulsionem ao agir concretamente, contribuindo significativamente para a realidade de vida dos sujeitos. Sobretudo, tentar enxergar cada educando e educanda em sua individualidade não separadamente do todo, mas como parte integrante de um conjunto de sujeitos que formam uma turma de alunos e alunas, que na sala de aula encontram-se para conhecer, construir, reconstruir e socializar conhecimentos e saberes.

Ao serem perguntados como definiam sua professora, os (as) pesquisados (as) responderam:

Ela é uma professora legal, gentil, carinhosa, amorosa, boa, ensina bem e eu aprendo muito com ela (AMANDA).

Ela é uma professora boa, legal, e fica pegando no meu pé para estudar a tabuada (BETO).

Ela é uma professora boa, que ensina bem e trata a gente como filhos dela (JOSUÉ).

Ela é uma professora boa, inteligente e amiga (LUCA).

Observamos que os termos utilizados pelos educandos e pelas educandas para definir a professora se assemelham e revelam ainda quão imagem positiva os pesquisados e as pesquisadas têm desta, o que certamente representa uma relevância para a relação existente entre professor-aluno.

No momento em que nos encontrávamos frente a frente com os pesquisados e as pesquisadas e explicávamos o que continha o formulário, para então iniciar as perguntas, a primeira fala dos participantes foi: “tia Irene vai ficar sabendo dessas coisas que estou falando sobre ela?” [LUCA]. Tranquilizamo-os dizendo que não, pois aquela conversa que estava acontecendo naquele momento ficaria entre nós.

À primeira vista pensamos que eles falariam horrores sobre a professora, o que seria uma surpresa, pois diante dos momentos que vivenciamos a observação na sala de aula em nenhum instante percebemos alguma demonstração de estranheza e não aceitação com a professora. Entretanto, não deixou também de ser surpresa as diversas expressões reveladas ao se referirem à professora, e ao mesmo tempo em que expuseram não queriam que a “tia” soubesse. Logo, isso nos chamou atenção, e percebemos, então, ainda que em suas ações esses alunos e essas alunas demonstrassem o quanto gostavam da sua professora eles sentiam-se inibidos em expressar verbalmente os sentimentos e a imagem que tinham de “tia Irene”.

Ainda que isso tenha sido percebido não se desconstrói toda aquela imagem de aproximação e relação prazerosa tão enfatizada e existente entre Irene e seus/suas alunos e alunas. Ao serem perguntados (as) se consideravam estarem à vontade na sala de aula, os (as) respondentes pontuaram:

Sim, porque eu estudo matemática que eu gosto muito, é um lugar confortável, gosto de escrever e ir ao quadro (LUCA).

Sim, porque é um lugar que eu aprendo e também falo de assuntos de televisão e brincadeiras (PAULO).

Sim, porque é um lugar que eu gosto, gosto da professora e dos meus colegas, e também é um lugar que eu aprendo muito (RODOLFO).

Sim, porque tenho tia Irene como minha professora e também amigos que me ajudam quando preciso (SAMARA).

Diante dessas falas, notamos a devida importância que esses (as) educandos e educandas atribuem à escola, à sala de aula e à professora. Percebemos ainda que objetivam conhecer, aprender, buscar saberes, bem como concebem o ambiente escolar como um espaço onde se relacionam com os (as) amigos (as), brincam, conversam, interagem, e veem a professora Irene como uma referência de uma pessoa boa, amiga e que cultivava amizade com os alunos e as alunas.

Assim também, mesmo existindo essa relação professor-aluno embasada em laços afetivos (confiança, amizade, atenção, carinho, respeito), a professora não deixa de assumir e exercer o seu papel de educadora, líder e condutora da sala de aula, dos alunos e do processo ensino-aprendizagem, considerando as normas e regras básicas da instituição na qual está vinculada e imprimindo sentido à relação professor-aluno, sabendo que ambos ocupam posições diferentes, como sujeitos protagonistas de um mesmo cenário, e de uma mesma história que compartilham. Sob esse ponto de vista, Vasconcelos (2012, p. 57) afirma:

Todo professor deve, portanto, exercer sua autoridade sem perder os limites dessa autoridade. Exercê-la tendo sempre em mente que seus alunos são sujeitos da ação educativa e nunca objetos apassivados, que podem ser reprimidos, cerceados, conduzidos ou manipulados. [...].

Dessa forma, a interação entre esses sujeitos torna-se a base das relações humanas consubstanciada na aproximação professor-aluno para fortalecer, favorecer e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, que une e estreita o contato entre esses sujeitos. Ademais a comunicação existente entre professor e aluno é elemento fundamental da educação formal de todo sujeito, traduzida em um diálogo que almeja confiança um no outro, e que segundo Rossini (2010, p. 13) “o humanismo é essencial a todo processo educacional [...]”, assim o educando se conhece e reconhece no outro e, o educador, por sua vez, também enxerga o lado humano de seus educandos e educandas.

Para tanto, é preciso compreender que “[...] a criança é um ser social e, por isso, sujeita a interferências do meio em que vive” (VASCONCELOS, 2012, p. 57), e o educador na postura de líder e responsável pela sala de aula e pelos (as) alunos (as) necessita validar-se de estratégias promissoras que deem aporte ao desenvolvimento das aulas e atividades propostas. Por outro lado, assegura ainda Rossini (2010, p. 23): “devemos mostrar que limite não é castigo. É ensinar que as pessoas não podem nem são capazes de fazer tudo que querem”. Haja vista que “crianças e jovens gostam de professores que lhes deem limites [...]” (VASCONCELOS, 2012, p. 45). Isso certamente faz parte do processo de atuação e exercício do papel profissional do educador em sala de aula. Entretanto, como diz Vasconcelos (2012, p. 77) não se pode ter a premissa que:

No processo de ensino-aprendizagem, professores não são nem heróis e nem vilões. Se não devem fugir às suas responsabilidades como profissionais que são, não podem, por outro lado, ser responsabilizados por todos os problemas que enfrenta a educação hoje. Professores são apenas parte da solução, ainda que muitas vezes sejam, também, parte do problema!

Ademais, no instante em que o educador entra em cena, assume a direção e coordenação da sala de aula e de tudo que nela acontece, pressupõe-se que esteja comprometido com a aprendizagem de seus/suas educandos e educandas, sempre em busca de se atualizar, de conhecer mais, de se capacitar, se preparar profissional e psicologicamente para cumprir o seu ofício, compreender, ajudar e formar sujeitos livres pensantes, críticos e reflexivos, utilizando-se de condições favoráveis ao desenvolvimento do aprendiz, de tal forma que todo docente honre o papel e o respeito que lhes são retribuídos, e que segundo

Vasconcelos (2012, p. 111) requer três competências consideradas essenciais ao exercício da atuação e autoridade docente: “competência acadêmica (o domínio do conteúdo), competência técnica (o saber como fazer/aplicar) e competência pedagógica (o saber ensinar)”.

Quando perguntado como se relacionavam com os colegas da sala, os resultados a esse questionamento foram semelhantemente pontuados por todos os (as) participantes, como representado nas falas:

Me relaciono bem, sou amigo(a) de todo(a)s (AMANDA, IGOR)  
Me relaciono bem só com um, dois ou três colegas (JOSUÉ)  
Me relaciono bem só com os meninos (LUCA).

Igualmente como se configura uma relação de amizade e proximidade entre professor e aluno, acontece com os alunos, todos se relacionam bem com todos, sejam meninos ou meninas. O que na verdade, percebemos também a partir da observação que todos e todas se relacionam bem, brincam juntos (as), conversam, ajudam uns aos outros quando surge uma dificuldade na hora de realizarem as atividades, e assim se constitui a relação próxima entre alunos-alunas.

Por certo não podemos deixar de mencionar que ainda que os (as) alunos (as) se relacionem bem e interajam entre si, há momentos em que alguns deles (as) se desentendem com briguinhas bobas, mas que alguns minutos depois já se encontram juntos alegres e satisfeitos, sem guardar mágoas ou ressentimentos. Em algumas ocasiões até se torna preciso que a professora interfira para tentar acalmar os ânimos e semear a paz e a união entre os colegas, já em outras situações os próprios alunos (as) se entendem e logo se dispõem a brincar e interagir com o outro.

Especialmente, nesses momentos de alegria, brincadeira, interação, bem como de desentendimentos, briguinhas, os (as) educandos (as) manifestam sentimentos e emoções, em decorrência de uma ação realizada ou vivenciada. E é esse momento que instiga a relevância para se trabalhar valores na sala de aula e na escola, pois como diz Reis (2010, p. 116) “[...] Educar nos dias de hoje é muito mais que transmitir conhecimentos, é transmitir amor, é trabalhar a emoção, é semear virtudes”. Ao educador cabe uma parcela da tarefa de educar e humanizar as crianças e jovens, destinando a outra parte à família – pais, que se encontra diariamente compartilhando vivências por um determinado tempo, suficiente para semear ensinamentos importantes para toda a vida.

[...] Ser educador é ser agente de mudanças, é se responsabilizar diante dos atos da sociedade. O educador precisa conhecer a dimensão do seu papel na sociedade. Não nascemos humanos, a tarefa de humanizar é nossa, dos pais e educadores, da sociedade (REIS, 2010, p. 114-115).

De conformidade com esse pensamento, ressaltamos também Vasconcelos (2012) ao pontuar a importância do diálogo na educação e em sala de aula, bem como de considerar cada aluno e aluna na sua singularidade e enxergá-los como sujeitos autônomos que possuem uma identidade, desejos e experiências vividas em outras instâncias da sociedade que precisam ser valorizadas, como cita Vasconcelos (2012, p. 105):

A comunicação está na base das relações humanas, quer sejam elas de natureza pública ou privada. O ser humano é um ser de comunicabilidade, de interação, sabidamente um “animal social”, e necessita exercer essa sua capacidade de estabelecer múltiplas relações para conhecer o mundo que o cerca, para conhecer-se, para gerar novos conhecimentos, para estar, enfim, no mundo inserido, nele atuando como sujeito (ainda que “construído” nas relações com outros sujeitos).

Na última questão perguntamos aos alunos e as alunas se sentiam satisfação em vir para a escola todos os dias. Igualmente, educandos e educandas responderam “sim” atribuindo uma importância ao fato de frequentarem a escola e as coisas boas que ela os oferece como ilustram as falas:

Sim, porque eu vou aprendendo mais e mais e assim eu vou conseguindo realizar meus sonhos (DANIELA).  
 Sim, porque é um lugar que eu estudo e aprendo muito com minha professora e faço novos amigos (IGOR).  
 Sim, porque eu quero aprender bastante para quando eu crescer ser um jogador de futebol do time do Flamengo (JOSUÉ).

Assim, mesmo que por uma percepção ingênua, entretanto, verdadeira, os (as) pesquisados (as) compreendem como é importante ter acesso à escola, para aprender, conhecer, ter a oportunidade de crescer intelectualmente, terem condições de realizar seus sonhos, por ser um lugar que os permite formar novas amizades e partilhar bons momentos. Uma vez que se escuta de crianças e jovens palavras por mais simples que sejam, mas carregadas de significado, intencionalidade, sentimento e satisfação em falar de algo ou alguém, é surpreendente deparar-se com revelações que expressem quão significação esses pequenos sujeitos atribuem à instituição escola responsável em parte por educar e formar pessoas.

A escola, então, definida como o espaço ideal para aprender, é um ambiente formado por profissionais destinados a socializar conhecimentos, mediar caminhos que possibilitem a construção e reconstrução de novos conhecimentos, saberes e formação de sujeitos críticos-reflexivos, que a partir de recursos didáticos, metodologias e estratégias buscam proporcionar ao público atendido acesso a esse mundo de conhecimentos, de interação, de diálogos e de socialização.

A escola ao assumir, entretanto, um papel “educativo” e, portanto, ao usar a herança cultural a ser transmitida como instrumento para desenvolver competências, aguçar sensibilidades, ensinar a aprender, animar inteligências, desenvolver múltiplas linguagens, capacitar para viver, assim, “transformar” o ser humano; *as relações interpessoais passaram a ganhar dimensão imprescindível* (ANTUNES, 2010, p. 12).

Com efeito, esse pensamento instiga a reconsiderar as funções da escola e, novamente definir os valores que a sustentam. E um grande começo é destacar que a escola não é a única responsável por educar, a aula não é momento de transmissão do conhecimento, e o professor o encarregado dessa função. A escola é uma instituição social encarregada por socializar saberes e conhecimentos sistematizados, atrelados a oferecer condições favoráveis ao seu público para conhecer, pensar, refletir, criticar, construir e reconstruir novos conhecimentos e, a aula, por sua vez, é o espaço destinado ao professor e ao aluno, para ambos ensinarem e aprenderem, e juntos construir outros saberes e formarem-se seres livres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho permitiu-nos tomar conhecimento ou ainda responder e confirmar o objetivo que impulsionou a realização da pesquisa, a partir dos dados coletados por meio do questionário e formulário aplicados aos pesquisados e pesquisadas que expressam em suas falas direta e indiretamente quão importante se configura a relação professor-aluno para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Foi possível percebermos durante a coleta e análise de dados que os pesquisados e pesquisadas atribuem relevância à relação professor-aluno para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, relação essa que implica interação, aproximação, respeito, amizade, afeto, cumplicidade, que precisa nortear o convívio desses sujeitos, que compartilham momentos, experiências, ensinamentos e aprendizagens.

Percebemos, ainda, que os/as participantes compreendem a necessidade e importância dessa congruência para movimentar e progredir o processo ensino-aprendizagem, logo expressaram dados enriquecedores para a pesquisa, e que vieram afirmar as reflexões fundamentadas nos teóricos citados no decorrer desse trabalho acerca do tema: “Relação professor-aluno: aspecto relevante para o processo ensino-aprendizagem escolar”. E isso foi enaltecido para a pesquisa.

Essa compreensão dos/das pesquisados/pesquisadas tanto oportunizou a apreensão dos dados coletados, bem como facilitou a escrita deste trabalho analisando cada fala, por mais simples que seja, mas carregada de significados em torno da visão que eles/elas têm sobre a sala de aula, a professora, os (as) colegas e a escola, evidenciando em suas expressões quão importantes são o professor e aluno dentro da escola, e quão necessária se faz uma recíproca relação de proximidade, respeito, afeto, amizade e cumplicidade norteadas pelo diálogo.

Foi interessante constatar nas falas da professora o entendimento e a importância atribuída à temática relação professor-aluno, que se mostraram como recortes da sua realidade profissional, e que se confirmaram com os dados levantados com o formulário aplicado aos/as alunos/alunas ao exprimirem sua satisfação em serem alunos e alunas dessa professora.

A partir da análise destes dados, bem como da abordagem teórica apresentada foi possível compreendermos que na educação existe um cenário composto por diversas peças que em conjunto dão forma a um lugar denominado escola, cujo papel é propiciar a educação formal e básica para a formação integral do ser social, e essa tarefa requer engajamento,

trabalho e esforço de toda comunidade escolar (profissionais que ocupam um cargo na estrutura organizacional da instituição), que desempenha papel fundamental no trabalho desenvolvido pelo/a educador/a, a quem é destinado o ofício de instruir, mostrar e mediar os caminhos que possivelmente levam os/as educandos/as para ter acesso aos conhecimentos já produzidos e a partir desses reconstruir e construir novos conhecimentos, levando em consideração as informações que cada um e uma trazem consigo, bem como sua origem, sua cultura, sua realidade e suas competências. E isso está atrelado às relações interpessoais construídas ou estabelecidas entre os seres, o que necessariamente almeja compreensão e respeito à alteridade.

Grandes desafios são lançados a todo tempo na educação, eles surgem de acordo com as necessidades do ser humano e do tempo que se vive – a contemporaneidade. Torna-se cada vez mais complexo a tarefa de educar e formar pessoas, atribuída à escola, instituição base responsável por oferecer e propiciar condições favoráveis para que os educandos tenham acesso ao conhecimento de uma forma que os instiguem a pensar e refletir.

Nessa linha de pensamento, vale ressaltar Freire (2005) quando defende a educação problematizadora definida por ele como a educação humanizadora e libertadora do educador e educando, pois ambos são reconhecidos como sujeitos construtores e criadores de história. Para tanto, nessa educação não deve existir barreiras ou distância entre educador-educando, e o diálogo e a interação são ferramentas fundamentais para a aproximação de ambos, e para o enriquecimento e progresso do processo de ensino-aprendizagem.

Retomando Freire (2005, p. 89) a “dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade”. E essa dialogicidade é o diálogo, a interação, a troca ou discussão de ideias e opiniões que deve existir entre o educador e o educando. É, então, a partir dessa interação e diálogo que eles caminham e crescem juntos, na medida em que ensinam e aprendem, efetivando a docência e a aprendizagem numa relação dialógica. A “palavra”, então, é a chave desse processo de falar-ouvir, ensinar-aprender, agir-pensar-agir.

Dessa forma, na educação problematizadora o diálogo é indispensável para a educação e, por conseguinte, para o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, não há separação entre educador-educando, mas sim interação e comunhão, no qual ambos ensinam e aprendem juntos emergidos na dialogicidade, em busca e/ou a favor da humanização dos seres humanos existenciando a comunicação, a ação e a reflexão destes/as sobre o mundo para, então, transformá-lo. Necessariamente essa educação se dá em torno de uma relação professor-aluno de proximidade, respeito, confiança, afeto e cumplicidade.

Assim sendo, as reflexões e os questionamentos levantados no decorrer desta pesquisa apontam para a importância da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem e a necessidade da dimensão humana nessa interação. Realizar um trabalho dentro da escola e da sala de aula que evidencie o caráter humano de cada sujeito ali presente constituiu-se, também, um compromisso da instituição escolar e dos profissionais que a formam, levando a construção do ser pensante, capaz de formar suas próprias ideias e opiniões, como produtor e reproduzidor, construtor e reconstrutor de conhecimentos e saberes, que assuma o papel de cidadão livre, consciente e participativo na sociedade.

Para que a educação se configure num cenário que permita a seus personagens pensarem e agirem de forma que se efetive uma educação voltada para a formação desse sujeito, é necessário a implementação de mudanças, oriundas desde os elaboradores das políticas educacionais aos seus executores, nos modos de pensar, agir, refletir e até mesmo acreditar no poder que a educação exerce sobre nós humanos, e quão importante ferramenta ela representa para o crescimento intelectual, social, e moral da humanidade.

Nesse cenário, a Pedagogia impulsiona-nos para uma longa caminhada, lutando, defendendo e reafirmando as reflexões aqui apresentadas para a conquista de uma educação voltada para a formação integral do ser – uma educação para toda a vida.

Se o caminho é longo, é preciso um engajamento maior dos que se interessam por realizar um trabalho eficaz, salvo que obstáculos e dificuldades sempre surgirão nesse percurso, mas não devem ser encarados como elementos de uma batalha perdida, pois nessa luta não vale o que se destrói, e sim tudo que é construído com o propósito do bem para todos que anseiam por melhorias na educação brasileira.

Muito ainda precisa ser feito e construído para se conquistar as necessárias mudanças de pensamento e atuação dos responsáveis pela educação, nesse instante só cabe ressaltar Fontoura (2010, p. 73) “O futuro das próximas gerações depende muito do presente da educação”. Aos profissionais da educação a quem é destinado o compromisso de intervir na construção de uma sociedade orientada por valores, e com isso promover a humanização e a cidadania dos educandos, transformando as relações sociais que a sustentam, cabe educar com limites e sentir as pessoas e o mundo ao seu redor, utilizando-se do diálogo, da comunicação, da interatividade e do afeto. Para tanto, educar é uma ação necessária ao homem que vive a contemporaneidade, pois se acredita está nela à esperança de uma sociedade mais justa, humana e com igualdade de oportunidades.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e autoestima**: a sala de aula como um espaço do crescimento integral. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRASIL, Elisabeth Brasil de. **A relação professor aluno no processo ensino-aprendizagem**. Disponível em: <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/aprendizagem.pdf>. Acesso em: 12 de ago. de 2011.

FONTOURA, Márcio Magalhães. Tarefas atuais da educação. In. SIMKA, Sérgio; MENEGHETTI, Ítalo (orgs.). **A relação entre professor e aluno**: um olhar interdisciplinar sobre o conteúdo e a dimensão humana. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010, p. 59 – 77.

FREIRE, Paulo. A dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade. In. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 89-139.

GOMES, Adriana Leite Limaverde; PEREIRA, Maria Goretti Lopes (org.). **Psicologia da aprendizagem**. Fortaleza – CE, 1999.

GONSALVES, Elisa Pereira. Escolhendo o percurso metodológico. In: **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alinea, 2001, p. 61-73.

HOFFMAN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 13-48.

LIBANEO, José Carlos. Uma nova escola para novos tempos. In: LIBANEO, J.C. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Editora Alternativa, 2004. p. 45-62.

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A relação professor-aluno e o processo ensino aprendizagem**. Disponível <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>. Acesso em: 12 de ago. de 2011.

MAFRA, Telma Aparecida. A dimensão humana da educação na busca de superação das limitações tecnicistas. In. SIMKA, Sérgio; MENEGHETTI, Ítalo (orgs.). **A relação entre professor e aluno**: um olhar interdisciplinar sobre o conteúdo e a dimensão humana. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010, p. 99-111.

MARTINS, Elisângela de Fátima. **Influência da afetividade na relação professor-aluno e seu reflexo no processo ensino aprendizagem**. Orientação geral de José Calixto de Souza. Aparecida de Goiânia, 2010. Disponível em: <http://www.unifan.edu.br>. Acesso em: 12 de ago. de 2011.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Técnicas de coleta e análise de dados: instrumentos para saber mais. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer.** – 2 ed. rev. e atual. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 57-68

MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade.** 8 ° Encontro de Iniciação Científica. 8ª Mostra de Pós-graduação, 2008. Disponível em: Disponível em: <http://www.ieps.org.br/ARTIGOS-PEDAGOGIA.pdf>. Acesso em: 12 de ago. de 2011.

MÜLLER, Luiza de Souza. **A interação professor – aluno no processo educativo.** Integração: Ensino-Pesquisa-Extensão, Ano VIII, nº 31. Novembro/2002. Disponível em: Disponível em: [http://www.usjt.br/proex/produtos\\_academicos/276\\_31.pdf](http://www.usjt.br/proex/produtos_academicos/276_31.pdf). Acesso em: 12 de ago. de 2011.

PADUA, Ivone. **Pedagogia do afeto: a pedagogia logosófica na sala de aula.** RJ: Wak Ed., 2010.

PALOMARES, Eliana Regina. Relação entre professor e aluno, a busca do elemento humano. In. SIMKA, Sérgio; MENEGHETTI, Ítalo (orgs.). **A relação entre professor e aluno: um olhar interdisciplinar sobre o conteúdo e a dimensão humana.** – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010, p. 9-14.

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação: novos tempos, novas práticas.** 8. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 9-20.

REIS, Teuler de Oliveira. A dor que cura. In. SIMKA, Sérgio; MENEGHETTI, Ítalo (orgs.). **A relação entre professor e aluno: um olhar interdisciplinar sobre o conteúdo e a dimensão humana.** – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010, p.113-125.

RIBEIRO, Marinalva Lopes; JUTRAS, France. **Representações sociais de professores sobre afetividade.** Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 23, n. 1, mar. 2006 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103166X2006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2006000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 18 out. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2006000100005>.

ROCHA, Ronize Peixoto Silva. Afetividade e emoção na sala de aula: um diálogo com Henri Wallon. Disponível em: <http://www.unifan.edu.br/files/diracademica/TCC%20Pedagogia%20Ronize%20Peixoto%202011%201.pdf>. Acesso em 31 de out de 2012.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva.** 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SILVA, Patrícia Sousa e. **A relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem.** Rev. Espaço da Sophia – nº 7 – outubro/2007 – mensal – ano I. Disponível em:

<http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis pedagogicas/RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSORALUNO/a%20relacao%20professor%20aluno%20no%20processo%20ensino%20aprendizagem.pdf>. Acesso em: 12 de ago. de 2011.

SIMKA, Sérgio; MENEGHETTI, Ítalo (orgs.). **A relação entre professor e aluno**: um olhar interdisciplinar sobre o conteúdo e a dimensão humana. In. PALOMARES, Eliana Regina... [et al]. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010, 148p.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem**: a relação professor-aluno. Disponível em: <http://www.puc-campinas.edu.br/cca/producao/arquivos/extensao>. Acesso em: 12 de ago. de 2011.

TIBA, Içami. **Educar para formar vencedores**: a nova família brasileira. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

VASCONCELOS, Maria Lucia. **Educação básica**: a formação do professor, relação professor-aluno, planejamento, mídia e educação. – São Paulo: Contexto, 2012.

WERNECK, Hamilton. **Educar é sentir as pessoas**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.

## **APÊNDICES**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**Questionário**

Esse questionário tem por objetivo a coleta de dados a partir de perguntas abertas, que permitirá ter conhecimento das opiniões do pesquisado (professor), acerca da temática: “Relação professor-aluno: elemento relevante para o processo ensino-aprendizagem escolar”, cujo propósito é analisar a importância da relação professor-aluno como influência positiva ou negativa no (para o) processo ensino-aprendizagem do (a) educando (a) em sala de aula.

**1 – Caracterização do sujeito de pesquisa**

- 1.1- Nome: \_\_\_\_\_
- 1.2- Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_
- 1.3- Endereço: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 1.4- Telefone: \_\_\_\_\_
- 1.5- E-mail: \_\_\_\_\_
- 1.6- Formação profissional: \_\_\_\_\_
- 1.7- Tempo de experiência profissional: \_\_\_\_\_
- 1.8- Vínculo institucional: ( ) Professora efetiva ( ) Professora contratada

2 – Você, profissional da educação, explique qual a importância da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

---

---

---

3 – Como você caracteriza a relação professor-aluno na sua sala de aula?

---

---

---

4 – Qual a importância da relação professor-aluno como influência positiva ou negativa no ou (para o) processo ensino-aprendizagem?

---

---

---

---

5 – Qual sua opinião a respeito da influência da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem dos estudantes?

---

---

---

---

6 – Para você de que maneira a relação professor-aluno contribui para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem?

---

---

---

---

7 – Como você percebe a influência da afetividade na relação professor-aluno para a formação do indivíduo (aluno/estudante/educando)?

---

---

---

---

8 – Qual sua postura docente em sala de aula no cotidiano escolar?

---

---

---

---

9 – Para você, de que maneira as manifestações afetivas (emoções, paixões, sentimentos) interferem na aprendizagem do aluno?

---

---

---

---

10 – Você concorda com afirmação: “toda a aprendizagem está impregnada de afetividade” (TASSONI, s/d, p. 3)? Justifique.

---

---

---

---

12 – Como você define seus alunos quanto ao envolvimento e interesses nas aulas? Há interação entre professor e alunos e alunos-alunos?

---

---

---

---

Obrigada pela sua participação e colaboração!



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**Formulário**

Esse formulário tem por objetivo a coleta de dados a partir de perguntas abertas, que permitirá ter conhecimento das opiniões do(a)s pesquisado(a)s (aluno/a/s), acerca da temática: “Relação professor-aluno: elemento relevante para o processo ensino-aprendizagem escolar”, cujo propósito é analisar a importância da relação professor-aluno como influência positiva ou negativa no (para o) processo ensino-aprendizagem do (a) educando (a) em sala de aula.

1 – Caracterização do sujeito de pesquisa:

1.1 Nome: \_\_\_\_\_

1.2 Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1.3 Endereço:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

1.4 Telefone: \_\_\_\_\_

1.5 E-mail: \_\_\_\_\_

1.6 Pai: \_\_\_\_\_

1.7 Mãe: \_\_\_\_\_

2 – Como você vê a sua professora?

( ) Uma professora boa.

( ) Uma professora muito boa.

( ) Uma professora excelente.

- Uma professora ruim.
- 3 – Você se relaciona bem com sua professora?  
 Sim  
 Não
- 4 – Você tem confiança na sua professora? Por quê?  
 Sim    Não
- 
- 
- 5 – Sua professora trata bem você e seus colegas?  
 Sim  
 Não
- 6 – Você participa das aulas?  
 Sim.  
 Não.  
 As vezes.  
 Só quando a professora me escolhe para ler ou responder algo.
- 7 – Como você se comporta durante as aulas?  
 Presto atenção e faço as atividades.  
 Converso com os colegas e não faço as atividades.  
 As vezes me distraio conversando com os colegas, mas faço as atividades.
- 8 – Quando você tem dúvidas na hora de realizar as tarefas, você pede ajuda a professora?  
 Sim  
 Não  
 As vezes  
 Prefiro não fazer, e deixar para a hora da correção
- 9 – Você conversa com sua professora sobre outros assuntos (família, amigos, filmes, desenhos, brincadeiras)?

- As vezes
- Não
- Sim

10 – Você gosta de ser aluno da sua professora?

- Sim.
- Não.

11 – Como você define sua professora?

---

---

---

12 – Você se sente à vontade na sala de aula? Por quê?

- Sim.     Não.     Em alguns momentos.

---

---

13 – Como você se relaciona com os colegas de sala?

- Me relaciono bem, sou amigo (a) de todo (a) s.
- Me relaciono bem só com os meninos.
- Me relaciono bem só com as meninas.
- Me relaciono bem só com um, dois ou três colegas.
- Não me relaciono bem com nenhum dos meus colegas.

14 – Você sente satisfação em vir para a escola todos os dias? Por quê?

- Sim     Não

---

---

Obrigada pela sua participação e colaboração!

## **ANEXOS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**1. INFORMAÇÕES A(O) PARTICIPANTE**

- 1.1.** Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa a atender às exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que, no Brasil, regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Seu principal objetivo é assegurar e preservar os direitos dos participantes de pesquisa.
- 1.2.** Atendendo à referida Resolução, este Termo contém informações acerca do projeto de pesquisa e seu responsável abaixo mencionado. De pleno direito, o(a) participante deverá tomar conhecimento do teor do projeto para que possa, de modo esclarecido e livre de quaisquer imposições, decidir por sua inclusão, através de sua assinatura ao final do termo, ficando de posse de uma de suas vias, e a outra, de posse do pesquisador.
- 1.3.** Quando se tratar de participante que seja impossibilitado de assinar, no caso de não-alfabetizado, cabe ao pesquisador, na presença de testemunha, fazer a leitura do termo, de forma clara e pausada, repetindo-a, se necessário for, respeitando a condição social, econômica, cultural e intelectual do participante, que, neste caso, deixará sua impressão datiloscópica (marca de seu polegar) na parte final do termo, além de recolher a assinatura da testemunha.

**1.4.** O participante legalmente incapaz deve ser representado por seu respectivo responsável, e, no caso de sua ausência, por um representante legalmente constituído pelo Estado, e que possa defender seus direitos, assinando o termo.

## **2. IDENTIFICAÇÃO**

**2.1 Título do Projeto de Pesquisa:** Relação professor-aluno: aspecto relevante para o processo ensino-aprendizagem escolar.

**2.2 Nome do pesquisador Responsável:** Ricélia Fernandes de Sousa Almeida.

**2.3 Instituição proponente:** Universidade Federal de Campina Grande-UFCG / Centro de Formação de Professores-CFP / Unidade Acadêmica de Educação-UAE – Campus de Cajazeiras/PB, situada na Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/N – Casas Populares, telefone: (83) 3532-2000, Cajazeiras/PB.

**2.5 Finalidade:** Trata-se de um projeto de pesquisa que intenciona analisar a importância da relação professor-aluno para o processo ensino-aprendizagem do(a) educando(a) em sala de aula, afim de evidenciar que a interação professor-aluno torna-se indispensável ao progresso e sucesso do processo ensino-aprendizagem pois essa relação os permite conhecer, aprender, descobrir, produzir e reproduzir juntos, bem como possibilita que cada um desempenhe seu papel permitindo-se fazê-lo com o propósito de construir novos conhecimentos, novos saberes.

## **3. INFORMAÇÕES ACERCA DO PROJETO DE PESQUISA:**

**3.1 Justificativa:** Falar em educação parece algo tão fácil, pois sempre se vê alguém dizendo o que deve fazer, como fazer, o que ensinar, como ensinar. Só que geralmente quem se porta a fazer esses comentários encontra-se distante ou fora da realidade de quem ensina, de quem aprende, da escola. E isso remete a enxergar que fazer educação não é tarefa tão simples.

Quando fala-se em educação, logo lembra-se de escola, professor, aluno e inúmeras outras coisas pertencentes a esse meio social. Mas o que na verdade é mais atrativo são os professores e alunos, pois são os dois membros da instituição escola que ocupam o centro do

movimento da educação. Trata-se de personagens protagonistas da história educacional (formação) dos seres ensinantes-aprendentes.

Diante disso reporto-me a importância que tem a relação entre esses dois seres. E o tema abordado nesse projeto, relação professor-aluno, pode e deve ser visto como um ponto fundamental para que o processo de ensino e aprendizagem possa acontecer de forma favorável a ambos, pois trata-se de uma relação em que tanto o professor como o aluno, ensinam e aprendem juntos, como afirma Freire (2005).

Com base na minha trajetória escolar e a das crianças da época, pode-se perguntar: O que aconteceu? O que realmente aprendemos? Quando vivenciado esse período, recordo que tivemos de nos comportar de maneira passiva, imóveis, permanecendo sentados e impedidos de nos manifestar. Propor e relatar nossas opiniões era impossível. Éramos unicamente ouvintes e responsáveis por anotar, memorizar, entender e repetir tudo igualzinho na prova. Com isso, não era permitido nem ao menos associarmos o que aprendíamos fora da escola com o que nos ensinavam dentro dela, e assim, mesmo sem gostar nos habituamos a esse paradigma de que o professor sabia e ensinava, ou seja, era o dono da verdade e o aluno só escutava o que era transmitido. Algo definido por Paulo Freire (2005) como “educação bancária”.

A partir disso surgem os questionamentos: essa relação professor-aluno favorece ao processo de ensino-aprendizagem? O professor é visto dentro da sala de aula como aquele que manda e tem autoridade sobre os alunos? Então, será essa autoridade um dos fatores que impede os alunos de aprender e, não somente ouvir e ter a obrigação de memorizar? E o afeto? A aproximação? O professor reconhece o aluno enquanto ser humano e acredita nas suas possibilidades, no seu potencial?

A aprendizagem é um processo contínuo, acontece ao longo da vida, visto que não se pode saber tudo, mas que a partir das necessidades e curiosidades de cada sujeito, deve-se buscar estudar sobre determinados assuntos, para que assim seja conhecedor do mesmo, e se tenha a certeza e segurança de falar sobre ele. Assim, como todo indivíduo, o professor cresce e aprende mais a partir do momento que se abre a novos conhecimentos e aceita a ajudar o outro, admitindo que sempre há algo a aprender, deixando de lado a idéia de que tudo sabe e o que já sabe é suficiente para exercer sua função.

Na realidade é de um educador que as crianças precisam e, que este seja preparado e apto a exercer tal papel, contribuindo para transformar essas pequenas crianças em adultos pensantes e críticos, verdadeiros cidadãos participativos na sociedade.

É fato que com o passar dos tempos, muitas transformações vão ocorrendo, e junto com elas crescem as exigências, e quanto mais mudanças acontecem, maiores cobranças recaem sobre o ser humano. Haja vista que, a escola, uma das maiores instituições da sociedade é grande responsável por preparar, ou melhor, formar o tipo de homem que a sociedade exige. Um homem que seja cumpridor de seus deveres, mas que também saiba lutar em busca de seus direitos, e que conquiste seu espaço na sociedade.

A educação é, por sua vez, a grande ferramenta para fazer jus a essa formação, e o professor ou professora é o (a) personagem principal nesse processo, no qual deve considerar cada educando como um ser de subjetividades, com necessidades particulares, e acima de tudo um ser de relações, que tem sempre algo para compartilhar, e a partir do momento em que se estabelece uma boa relação entre ambos, possivelmente contribuirá bastante no processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo o aluno como centro da educação.

É perceptível que a indisciplina é uma marca registrada de muitos alunos em diversas escolas, bem como o fato de muitos professores sentirem-se impotentes diante de determinadas situações que evidencie esse comportamento, e então, pensam que tudo está perdido. Mas de acordo com Palomares (2010, p. 13) “o aluno que reage com indisciplina geralmente foi estimulado para isso, é necessário tratá-lo de modo que se exteriorize seu lado humano”.

Não seria o caso então de o professor aproximar-se mais dos alunos, conversar mais com eles, tentar entendê-los, para enfim fazer uma educação mais humanizada e afetiva? O ato de ensinar não só implica em transferir conhecimentos, mas sim transformar informações em conhecimentos, considerando a realidade de cada sujeito. Logo entende-se que o papel do educador é mediar esse processo de transformação, apontando caminhos, abrindo janelas e horizontes, e acima de tudo despertando o desejo de aprender, o ato de refletir e a própria criatividade do aluno.

Uma nova postura educativa, então, torna-se necessária para imbuir o belo discurso presente na fala de muitos de nós quando ouvimos e também dizemos: “a educação é a solução para o nosso país, e para o crescimento do nosso povo”, e que de acordo com Mafra (2010) o que requer mudanças, e esta deve partir do próprio sistema e dos educadores.

Sabe-se ainda que ser professor não é tarefa fácil, pois exige-se muito tanto de quem ensina como de quem aprende, e essencialmente para exercer seu papel de educador é necessário gostar do que faz, ter a plena consciência que ninguém nasce sabendo e que torna-se um profissional unicamente na universidade, mas sim na vivência do dia-a-dia, experienciando o exercício da profissão, e acima de tudo acreditando no que faz e fazê-lo bem.

E isso envolve não apenas ação, mais também reflexão, comprometimento, respeito às diferenças e sentimento. Neste instante cabe ressaltar o que fala Mafra (2010, p. 108) “não existe educação eficaz que não se pautem na dimensão relacional e afetiva”.

Isso sem dúvidas é uma construção, é um laço que vai sendo criado aos poucos e que envolve conquista, permissão, doação, compreensão, compartilhamento, respeito e vontade de seguir juntos, que implica estabelecer uma relação professor-aluno que oportunize o amadurecimento e o progresso do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, ainda conforme Mafra (2010, p. 109):

[...] imprescindível é desenvolver nas pessoas as capacidades essencialmente humanas, como a criatividade, afetividade, a ética e os valores morais. Daí a necessidade de unir as dimensões epistêmicas, identitária e social, em uma educação de proposta afetiva.

Com isso pretendo mostrar que se existe uma relação dinâmica entre professor e aluno, o processo de ensino-aprendizagem pode progredir e trazer bons resultados. Subtende-se que não havendo uma relação assim, esse processo permanecerá na mesma forma estática, tradicional, conhecida por todos – o professor manda e ensina e o aluno obedece, escuta e se consegue, aprende. Mais uma vez reportando ao que define Paulo Freire como educação bancária.

A partir disso surge o problema: Que influências a relação professor-aluno produz no desempenho da aprendizagem das crianças? Seria o caso de essencialmente se fazer presente nessa relação o afeto para contribuir com o progresso do processo ensino-aprendizagem?

Refletindo como a dimensão afetiva pode interferir na relação professor-aluno e conseqüentemente no processo de ensino-aprendizagem busquei alguns intelectuais - como referência, quais sejam: Eliana Palomares (2010), Márcio Fontoura (2010), Sérgio Sinka (2010), Telma Mafra (2010), Teuler Reis (2010), Wilson Correia (2010), Máisa Kullo (2002), Roza Silva (2002), Mário Vasconcelos (2004), Elisabeth Brasil (s/d), Elisângela Martins (2010), Patrícia Silva (2007) e Henri Wallon (2009) que discutem acerca da temática para, então, analisar, observar, verificar e identificar o efeito ou não dos laços afetivos que estão imbricados nessa relação.

### **3.2 Objetivos:**

3.2.1 Objetivo Geral: Analisar a importância da relação professor-aluno para o processo ensino-aprendizagem.

3.2.2 Objetivos Específicos: Observar como a interação professor/aluno pode contribuir no processo de aprendizagem dos/das educandos/das na sala de aula; Identificar manifestações afetivas (sentimentos e emoções) na postura do professor que interferem na aprendizagem do (a)s educando (a)s; Compreender a importância das manifestações afetivas na relação professor/aluno para a formação intelectual, moral e social do (a) educando (a).

**3.2 Procedimentos: o planejamento da pesquisa constitui-se da: (especificar aqui o Cronograma de Pesquisa)**

<b>ATIVIDADES/ PERÍODOS</b>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Reelaboração do projeto de pesquisa												
2. Levantamento de literatura												
3. Diagnóstico da escola campo de pesquisa												
4. Construção do relatório de caracterização da instituição												
5. Definição do referencial teórico												
6. Montagem do projeto												
7. Elaboração dos instrumentos para coleta de dados												
8. Coleta de dados												
9. Tratamento dos dados												
10. Elaboração do Projeto												
11. Revisão do texto												



**4.4** Garantia do sigilo que assegure a privacidade do(a) participante quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, e anonimato, visando preservar a integridade de seu nome e dos seus.

**4.5** Garantia de que receberá retorno dos resultados da pesquisa e de sua publicação para fins acadêmicos e científicos, e que os dados coletados serão arquivados e ficarão sob a guarda do pesquisador, estando acessível a(o) participante quando desejar.

**4.6** Garantia de que não terá nenhum ônus com o projeto, que será totalmente custeado pelo pesquisador e/ou patrocinador, e/ou instituição, e que será ressarcido de despesas decorrentes do projeto de pesquisa, como deslocamento, afastamento das atividades e/ou do trabalho, hospedagem, alimentação, bem como será indenizado por eventuais danos diretamente resultantes da pesquisa a curto, a médio ou longo prazo.

**4.7** Garantia de que poderá buscar informações junto ao pesquisador responsável, que estará acessível para esclarecimentos e/ou dúvidas acerca do andamento, conclusão e publicação dos resultados, bem como, de que poderá buscar informações junto a Universidade Federal de Campina Grande-UFCG / Centro de Formação de Professores-CFP / Unidade Acadêmica de Educação-UAE – Campus de Cajazeiras/PB, situada na Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/N – Casas Populares, telefone: (83) 3532-2000, Cajazeiras/PB, que avaliou o trabalho e aprovou o Termo ora apresentado, ou a outras instâncias que podem esclarecer e defender seus direitos, caso manifeste esse desejo.

## **5. CONTATO(S) DISPONIBILIZADO(S) PELO(S) PESQUISADOR(ES)**

Nome da/o pesquisadora/or: Ricélia Fernandes de Sousa Almeida

**5.1.** Ciente da importância da participação do voluntário, o agradece por permitir sua inclusão no acima referido projeto de pesquisa;

**5.2.** Se compromete, reiteradamente, a cumprir a resolução 196/96, e prometem zelar fielmente pelo que neste termo ficou acordado;

**5.3.** Como prova de compromisso, disponibiliza seus dados para contato ao participante:

Dados completos da/o pesquisadora/or:

**Nome:** Ricélia Fernandes de Sousa Almeida

**Endereço:** Núcleo Habitacional I, S/N, São Gonçalo – Sousa/PB, Telefone: (83) 9188-0499/8128-1314

## **6. CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO**

Após obter as informações e esclarecimentos sobre o referido projeto de pesquisa e, estando de acordo com o teor desse termo, o (a) participante ou seu representante (no caso de legalmente incapaz), o assina, recebendo uma via, consentindo sua inclusão no protocolo de pesquisa, de forma livre e gratuita. A outra via do termo fica reservada ao pesquisador, que também assina esse documento.

Município de Sousa/PB, \_\_\_\_\_ de novembro de 2011.

---

Nome do Participante ou Responsável Legal

---

CPF: \_\_\_\_\_

Assinatura do Participante ou Responsável Legal

---

CPF: 053.698.694-89

Assinatura do Pesquisador Responsável

